

**EDGAR RICE BURROUGHS**

**JOHN  
CARTER**

*Tradução de João Seixas*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



## BURROUGHS E MARTE: A GEOGRAFIA DA IMAGINAÇÃO

por  
João Seixas

*“A truly strong myth-maker, such as Homer, such as Baum, such as the creator of Tarzan, creates substantial and lasting worlds... whereas the fiddlin’, unimaginitive liars and fabulists shape nothing new and their tedious dreams are forgotten.”*

(Jubal Harshaw)

Robert A. Heinlein, *The Cat Who Walks Through Walls*

### I. MITOS DA ERA DA TÉCNICA

Em fevereiro de 1912, *The All-Story*, uma das revistas *pulp* do grupo Munsey, que publicava também a mítica *Argosy* e a não menos conhecida *Cavalier*, iniciava um seriado em seis partes, cuja publicação se estenderia até julho, e que era assinado por um autor estreante e desconhecido. Seria a primeira e única história publicada por Norman Bean. Logo após a publicação da primeira parte, o autor protestava junto do editor Thomas Newell Metcalf pela alteração do seu nome, Normal, tomado por uma gralha, para o mais familiar Norman. E, fosse para evitar mais complicações<sup>(1)</sup>, fosse porque a história encontrara uma recepção entusiástica por parte dos leitores, a verdade é que quando em outubro desse mesmo ano se publicou o seu segundo trabalho, *Tarzan of the Apes*, era já o nome verdadeiro do autor que assinava o texto: Edgar Rice Burroughs.

Burroughs e Tarzan tornaram-se sinónimos de Aventura ao longo de todo o século XX, duas forças conformadoras do imaginário popular, modelos de incontáveis imitações, pastiches e sátiras, e objetos de estudo e análise culturais. Burroughs escreveria setenta e cinco livros, sessenta dos quais publicados ainda em vida, traduzidos para trinta e uma línguas, e com vendas de milhões de exemplares. Tarzan, que seria o protagonista de vinte e sete desses livros, foi adaptado ao cinema pela primeira vez



©Thomas Yates, 2003. Burroughs e as suas criações.  
A peça pertence a um colecionador particular.

em 1918, interpretado por Elmo Lincoln (Otto Linkenhelt), que ficaria lendário por ter realmente matado um leão (ainda que velho e sedado) que se encorpou contra ele durante as filmagens; posteriormente interpretado por dezoito atores distintos, em quarenta e três longas-metragens, sete seriados e quatro séries de televisão, uma delas animada, Tarzan leva uma confortável vantagem sobre os competidores mais diretos, como Sherlock Holmes, Zorro ou James Bond, aos quais dá cartas igualmente nas pranchas de Banda Desenhada e nas tiras ilustradas dos jornais, onde se estreou em 1936, cinco anos depois de se ter iniciado na rádio onde, com voz de James Pierce (um dos primeiros Tarzans cinematográficos e, à data, genro de Burroughs), protagonizou 364 episódios. Burroughs, o criador, seria o primeiro dos escritores cujas próprias iniciais, ERB, se tornariam reconhecidas um pouco por todo o mundo, como mais tarde sucederia com Robert E. Howard, Robert A. Heinlein e Philip K. Dick. E, no entanto, Burroughs não faz parte do leque dos grandes escritores. Quando pensamos em Hemingway, Joyce, Ballard, Wells, Poe, James, ou Pessoa, Burroughs não é um dos nomes que nos ocorreria adicionar ao conjunto. E de balde se buscarão referências ao autor, nascido em Chicago em 1875, em qualquer estudo académico da literatura moderna – e, diga-se em abono da verdade, mesmo nas mais recentes Histórias da Ficção Científica,

Burroughs apenas é referido quase como nota obrigatória, uma referência que seria chocante omitir, mas que desacreditaria o trabalho se o autor se demorasse demasiado sobre ele. À primeira vista pareceria tratar-se de mais um daqueles injustos caprichos da Crítica e da História, mas a verdade é que Burroughs não é, de facto, um grande escritor. Apesar de Richard Lupoff, numa série de extensivos estudos<sup>(2)</sup>, ter demonstrado que Burroughs não era alheio à técnica literária ou aos rudimentos do estilo, a sua escrita, ainda que competente, fica muito aquém do que normalmente exigiríamos como prova de qualidade<sup>(3)</sup>. Mas Burroughs nunca quis ser um grande escritor. Habitados como estamos ao invocar das musas ou ao alarde emproado dos nossos letrados, todos eles atormentados pela obtenção da mais perfeita constelação de palavras numa ideal galáxia de ideias puras, atravessadas por aforismos mais ou menos profundos, sempre relevantes, como ígneos cometas a rasgar o empíreo, a simples honestidade de Burroughs comove-nos pela singeleza, e poria de imediato fim à busca desesperada de Diógenes: “*Não escrevia devido a qualquer impulso interior, ou por qualquer amor à escrita. Escrevia porque tinha mulher e dois filhos... Abomino a pobreza... A pobreza nada tem de honroso ou agradável...*”<sup>(4)</sup> E a escrita manteve-o longe da pobreza. Na verdade, transformou-o num homem abastado, que no auge da Grande Depressão, obtinha ganhos de cinco mil dólares mensais provenientes tão só das tiras ilustradas dos jornais<sup>(5)</sup>, ganhos que afluíam num fluxo imparável de cheques aos escritórios da Edgar Rice Burroughs, Inc., na comunidade fronteira a Los Angeles que ostentava o nome da sua mais célebre criação, Tarzana, na Califórnia. Burroughs não era, nem aspirava a ser um grande escritor, mas não é sem talento que se consegue marcar de forma tão indelével a esfera cultural. Só que o talento de Burroughs não assenta na arena abstrata do mérito literário – e ele estava consciente disso, ao responder à crítica feroz de Queenie Leavis com a observação: “*Quero que saiba que estou bem ciente da postura que muitos académicos e autoproclamados literati adotam para com aquele género específico de literatura imortal pelo qual sou culpado*”<sup>(6)</sup>. O talento de Burroughs residia naquilo que transcende a maior parte dos autores do cânone, que ultrapassa a esmagadora maioria dos grandes escritores de todas as épocas, naquilo que assegura que as suas obras sejam ainda procuradas pelo público cem anos após a sua publicação com o mesmo fascínio com que foram procuradas pela primeira vez: Burroughs não era um grande escritor, mas era alguém que sabia contar uma história; uma história capaz de manter o encanto com o passar das décadas. Uma história que passa das mãos de pais para filhos ao longo de gerações. Uma história que incorpora um valor intemporal que transcende os seus defeitos. Burroughs era um *criador de mitos*.

E só encarando-o como tal podemos verdadeiramente apreender o impacto da sua obra.

De acordo com a definição do *Oxford English Dictionary*, um mito é “*uma narrativa puramente fictícia, que normalmente envolve seres, atos ou acontecimentos sobrenaturais, e que corporiza ideias populares relativas a fenómenos naturais ou históricos*”. E, apesar do qualificativo “sobrenatural”, nenhum género literário cumpre melhor o papel de mito moderno do que a Ficção Científica. Se considerarmos, como Thomas M. Disch<sup>(7)</sup>, que os mitos aspiram a maximizar o significado, comprimindo a verdade à máxima densidade que a mente é, ainda assim, capaz de assimilar, então, tal como ele, temos de aceitar que, enquanto criadores de mitos, os autores de ficção científica enfrentam a tarefa de humanizar, de traduzir na específica simbólica da gramática do género as fabulosas vistas da era da ciência e da tecnologia. Humanizando o universo, interiorizam as frias forças naturais que, operando através da contingência e da necessidade, moldam a espécie, a sociedade e a vida humanas.

## II. O DESPERTAR DO MAGO

Não é difícil imaginar Burroughs em 1911, aos trinta e seis anos de idade, folheando revistas *pulp* em busca das páginas de anúncios, contemplando os sucessivos falhanços que compunham o seu currículo e que, recriminadores, expressavam o seu fracasso nos diferentes papéis timbrados que fora acumulando em cada pouso: dispensado da Phillips Academy no Massachusetts, chumbado no exame de acesso a West Point, e dispensado da Cavalaria, onde “*perseguira Apaches sem nunca os apanhar*”<sup>(8)</sup>, por problemas cardíacos, tentara a sorte como vaqueiro e empregado de balcão no Idaho, como mineiro no Oregon, como guarda de linhas no Utah, como vendedor porta a porta, professor de Geologia, contabilista e consultor. Com o seu último empreendimento – uma empresa de encomendas por catálogo – igualmente fracassado, Burroughs trabalha agora como vendedor de afiadores de lápis, servindo-se de um espaço emprestado em escritório alheio. E também não é difícil imaginar Burroughs a deixar a atenção desviar-se do trabalho para alguma da prosa colorida que emoldurava os anúncios naquelas publicações populares, mergulhar nos mundos fabulosos que nasciam da escrita rápida, nem sempre bem conseguida, quase sempre produzida a metro, e concluir que não lhe deveria ser difícil escrever algo semelhante. Ou mesmo algo melhor. E escreveu: um magnífico sonho desperto, rico em todas as nuances com que o fracasso costuma colorir a imaginação, onde o ex-militar, ainda dominado pela ética da nobreza, retidão e cava-



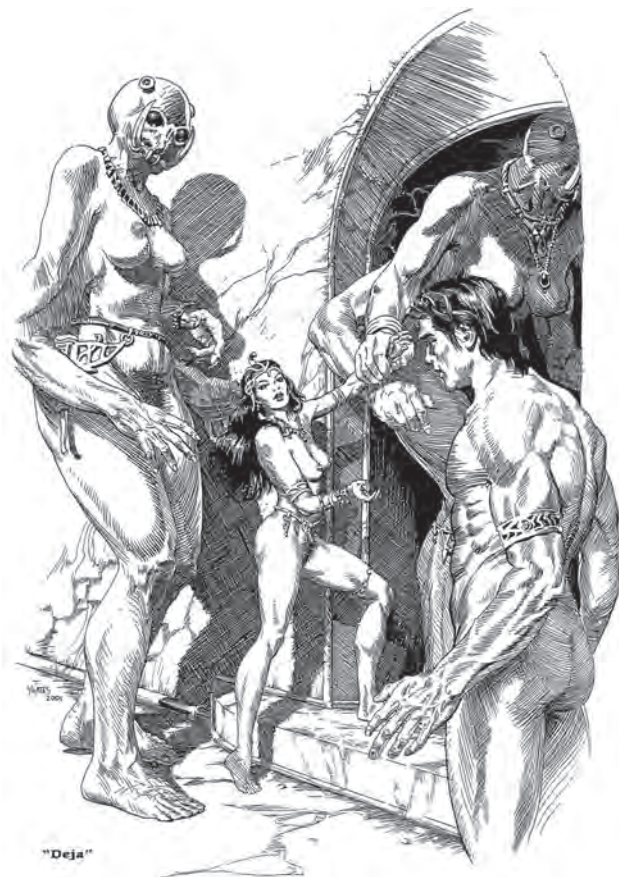
John Carter de Marte, por J. Allen St. John, um dos primeiros ilustradores das histórias de Burroughs, e normalmente considerado o seu ilustrador definitivo.



lheirismo que o serviço na Cavalaria lhe incutira, se convertia de prospector em Imperador, após derrotar inimigos, lidar com traidores e conquistar o coração de uma princesa. Nada de muito original, dir-se-ia, não fora o caso de o mineiro, ex-militar (poderia o disfarce ser mais

evidente?), ser transportado inexplicavelmente para Marte, os inimigos serem gigantes guerreiros verdes, dotados de presas impressionantes e dois pares de braços, e a princesa, Dejah Thoris, ter a pele literalmente vermelha e ser ovípara. Burroughs chamou à sua história “*Dejah Thoris, Princess of Mars*”, mas esta, rejeitada pela *Argosy*, mas aceite para a publicação irmã, *The All-Story*, foi publicada como “*Under the Moons of Mars*”. O seu autor: Normal Bean. Alguém que, não se atrevendo a assumir a paternidade de tão desabrida fantasia, sentia a necessidade de se afirmar no seu próprio pseudónimo como um ser normal.

E no entanto, depois disso, nada seria igual. O sucesso e a fortuna não foram imediatos, embora a popularidade do autor crescesse de dia para dia, e as suas narrativas fantasiosas cobrassem preços cada vez mais elevados. Dos quatrocentos dólares que recebeu por “*Under the Moons of Mars*”, publicada de fevereiro a julho de 1912, passou para os setecentos dólares de “*Tarzan of the Apes*”, em outubro desse ano, e para os mil à cabeça que lhe renderam as respetivas sequelas, “*The God of Mars*” e “*The Return of Tarzan*” no ano seguinte. Em 1914, em vésperas da guerra, publicava também na *The All-Story*, “*At the Earth’s Core*”, o primeiro volume da sua terceira série de sucesso, passada num mundo perdido no centro da Terra, que dá pelo



©Thomas Yates.  
Ilustração do primeiro encontro de John Carter com Dejah Thoris em “*John Carter*”. A nudez em Barsoom, tal como nas demais obras de Burroughs, tem tanto de erótico como de inocente.

nome de Pellucidar. Até à sua morte, Burroughs viria a escrever dez livros da série Barsoom (nome que os Marcianos dão ao seu planeta), vinte e seis da série Tarzan, seis da série Pellucidar (um deles, “*Tarzan at the Earth’s Core*”

comum a ambas as séries), e ainda quatro volumes da série de Carson Napier de Vénus, cuja publicação se iniciou em 1932, tendo deixado textos incompletos em quase todas elas, que seriam mais tarde, onde possível, terminados e coligidos por mãos alheias.

Em 1917, “*Under the Moons of Mars*” foi publicado pela primeira vez em livro com o título que se tornaria definitivo, “*A Princess of Mars*”. “*John Carter*”, título da edição portuguesa que o leitor tem agora nas mãos, estreia a mais bem-sucedida das suas séries, e de uma forma que deixa bem patente que a ingenuidade autoral de Burroughs em nada belisca o engenho narrativo. Com um estratagema que viria a repetir incontáveis vezes ao longo da sua obra, Burroughs abre a sua obra de estreia com um prefácio de Edgar Rice Burroughs<sup>(9)</sup>, que se apresenta como alguém que, na sua infância, conheceu o protagonista da história, um capitão John Carter da Virgínia, assim colocando o leitor numa posição de maior recetividade face ao corpo central da história que, ainda assim, nos seus dois primeiros

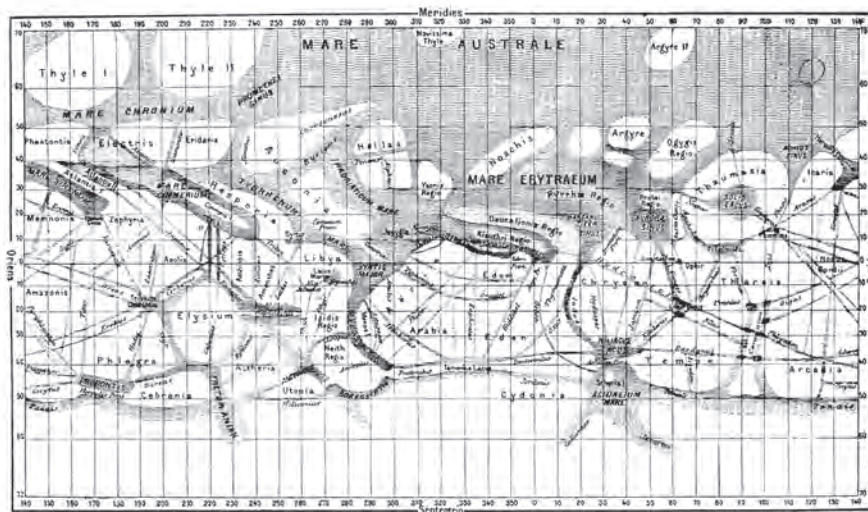


capítulos, se afigura como uma normal narrativa do Oeste, daquelas que Frank Reade popularizara e com que os seus leitores estariam bem familiarizados, onde dois veteranos da guerra da secessão tentam a sua sorte na prospeção de ouro no Arizona, perto do território dos temíveis Apaches. Mas este E.R. Burroughs não é o mesmo Burroughs que escreve a aventura, pois de acordo com o prefácio, este Burroughs (que apareceria em muitas outras aventuras, propiciando meios aos protagonistas, ou testemunho dos seus feitos, ou mesmo sendo confundido com o “verdadeiro” ERB enquanto autor das narrativas, num fascinante jogo metaliterário) tinha cinco anos quando conheceu o Capitão Carter, pouco antes da Guerra Civil, na quinta do seu pai na Virgínia, ao passo que o ERB-autor nasceu em Chicago em 1875, filho de um major Unionista durante aquela guerra, depois bem-sucedido negociante. Este jogo de identidades entre Normal Bean-Edgar Rice Burroughs-ERB estende-se às falsas identidades em muitos dos seus livros: atente-se como o pai de Tarzan, John Clayton, Lord Greystoke, é apresentado por Burroughs<sup>(10)</sup> como alguém “a quem nos referiremos como *John Clayton, Lord Greystoke*”, da mesma forma que no final de “*The Cave Man*” (1917), após descobrirmos que a protagonista da primeira parte da história (“*The Cave Girl*”) é na realidade filha dos desaparecidos Condes de Crecy, somos informados de que vive agora “numa casa que certamente já terão visto se alguma vez foram a Boston, e se alguma vez viajaram num dos grandes autocarros turísticos. Pois a casa é apontada a todos os visitantes pela beleza da arquitetura e pela fama associada ao nome histórico e aristocrático do seu proprietário que, a propósito, não é de maneira alguma *Smith-Jones*”<sup>(11)</sup>. Se esse expediente lhe permite antes de mais ancorar firmemente o leitor ao seu universo ficcional, facilitando a transição, por vezes súbita, do quotidiano para o fantástico Burroughsiano, não deixa igualmente de cumprir dois outros papéis fundamentais: desde logo, revelar que o autor encara com naturalidade inata o jogo literário e metaliterário, assumindo o caráter formulaico e extravagante das histórias que tem para contar; mas também chamar a atenção para o significado que os nomes escondem numa potencial exegese dos seus textos, desde o pseudónimo Normal Bean, até à etimologia (fictícia) de nomes como Tarzan (“Pele Branca”, na língua dos antropóides que recolhem o infante na sua primeira aventura), ou Tangor (“Vindo de Nenhures”) na língua dos Unians nas noveletas “*Beyond the Farthest Star*” e “*Tangor Returns*” (ambas de 1940), sem deixar de frisar uma e outra vez, através da revelação e recuperação da identidade das personagens, que estas são sempre definidas por alguém, alguém que isola um *outsider* (Tarzan, Tangor) devido a alguma característica distintiva (assim servindo de motor à motivação dos protagonistas) ou pelo lugar com que se identificam (John Carter of Mars, Carson of Venus, Llana of Gathol, Nu of the Neocene, e

outra vez Tangor). Há, em Burroughs, uma constante sensação de pertença, um predomínio da grandiosidade individual sobre a geografia, um triunfo da identidade sobre qualquer marca distintiva exterior, mesmo quando esta, por vezes, parece querer servir de indicador da diferença.

### III. RAÇA E SIGNIFICADO, OU, O VERDE É BELO

Burroughs viveu numa época onde o racismo era moeda corrente, e a acusação de racismo é uma que constantemente se aponta aos seus textos, tendo inclusivamente a Ballantine Books introduzido alterações ao texto das suas reimpressões a partir dos anos 60, com o intuito de remover quaisquer expressões ofensivas, com resultados, por vezes, francamente desastrosos. E, no entanto, os próprios livros de Burroughs dão-nos a chave para deslindar a sua posição sobre a questão racial: a escolha de um confederado para o papel de oficial e cavaleiro em “*John Carter*” não é, nesse campo, inocente, tal como não é inocente a forma como ele é colocado numa guerra eterna entre duas culturas que se distinguem essencialmente pela cor da pele, ainda que simbolicamente verde e vermelha<sup>(12)</sup>. Num dado momento da narrativa, encontramos a seguinte passagem, em que Dejah Thoris se dirige à Assembleia dos Tharks:



Carta de Marte de Giovanni Schiaparelli (1835-1910), cuja descrição da existência de canais em Marte está na gênese do erro perpetuado por Percival Lowell.

«Porquê, oh, mas porque é que não aprendem a viver em paz com os vossos vizinhos? Porque é que têm de atravessar as eras até à extinção final pouco acima do nível das bestas irracionais que conseguem domesticar! Um povo sem linguagem escrita, sem arte, sem casas, sem amor; vítima de uma eternidade dessa horrível ideia comunitária. Possuindo tudo em comum, mesmo as vossas mulheres e os vossos filhos, levou a que nada possuísses em comum. Odiais-vos uns aos outros, tal como odiais tudo o resto com exceção de vós próprios. Regressai aos costumes dos nossos antepassados comuns, regressai à luz da amabilidade e do companheirismo. Tendes o caminho aberto, e encontrareis as mãos dos homens vermelhos estendidas para vos ajudar. Juntos, podemos fazer ainda mais pela regeneração deste planeta moribundo. É a neta do maior e mais poderoso dos jeddaks vermelhos quem vos convida. Aceitam?»

Lorquas Ptomel e os guerreiros continuaram sentados, olhando silenciosa e atentamente para a jovem mulher por vários instantes após esta ter terminado. O que lhes ia pela cabeça, ninguém pode dizer, mas que estavam comovidos, isso acredito perfeitamente, e se um único deles tivesse sido forte o bastante para se



"An attendant appeared bearing the body of the beautiful girl."

© Frank Frazetta, 1966.  
Ilustração interior para a edição da Doubleday de "Synthetic Men of Mars". Frazetta, como ninguém, consegue sugerir o *melting pot* de influências que ajudaram a tornar Burroughs num fenómeno de popularidade: no laboratório de Ras Thavas conflui a sensualidade dos corpos *seminus*, os cientistas loucos que viriam a dominar os *pulps* nas duas décadas seguintes, e o emaranhado gótico-alquímico das cubas e tubos de ensaio.

*erguer acima do costume, esse momento marcaria o início de uma era nova e gloriosa para Marte.*

*Vi Tars Tarkas levantar-se para falar, e no seu rosto uma tal expressão como nunca me tinha sido dado contemplar no semblante de um guerreiro marciano verde. Falava de uma poderosa batalha interior, consigo mesmo, com a hereditariedade, com os costumes ancestrais, e quando abriu a boca para falar, as suas feições ferozes e terríveis estavam iluminadas por um ar de momentânea amabilidade e benignidade.» (p. 83, da edição da SdE)*

Burroughs diz-nos claramente que são as ideias que separam os homens (aproveitando para nos deixar também a sua opinião sobre o comunismo, ainda antes de serem conhecidos os horrores de Lenine e Estaline), não a cor da pele, nem sequer o facto de pertencerem a espécies (aparentemente) distintas. E mesmo a tentativa de interpretar o código cromático à luz da oposição branco-cor esbarra com o facto de que um dos mais temidos predadores de Marte, que ataca indiscriminadamente vermelhos e verdes, e o próprio protagonista, são os Macacos *Branco*s de Marte. No universo de Burroughs, não é possível identificar uma tendência de discriminação e função da cor da pele ou da nacionalidade (apesar de os Alemães simpatizarem pouco com o alto grau de permeabilidade genética que pareciam encontrar nas aventuras de Tarzan – ou talvez estivessem apenas ressentidos pelo retrato que Burroughs deles fizera em “*The Land that Time Forgot*”, escrito durante a primeira grande guerra); de um lado e outro da barreira racial, encontramos indivíduos nobres e indivíduos mesquinhos, sendo os atos praticados que definem o respetivo estatuto narrativo. Se ainda assim o leitor notar um certo tratamento paternalista face aos negros, ou aos índios, esse é mais fruto da época do que do preconceito autoral e, na pena de Burroughs, deixa a mesma impressão que um ateu que não consegue livrar-se da interjeição “por amor de Deus”.

#### IV. MARTE: A GEOGRAFIA DA IMAGINAÇÃO

O Marte onde Burroughs dispõe as suas raças, o Marte que John Carter encontra em Barsoom é um Marte senescente, habitado pelo remanescente de raças autóctones, resultado de milhões de anos de evolução biológica e cultural, uma sociedade planetária violenta – como são todas as sociedades quando os bárbaros estão aos portões e as mesas quase vazias – e cujos resquícios da alta tecnologia de outrora representam apenas a utilização práti-



©Frank Frazetta, 1974. Ilustração interior para a edição da Ace de “*Swords of Mars*”. Frazetta é provavelmente o melhor ilustrador da série de Barsoom. As suas ilustrações e capas ajudaram ao renascer do interesse pelas obras de Burroughs e Robert E. Howard nos anos setenta. Ninguém consegue captar como ele a sensualidade e a crueza dos corpos sugeridos por Burroughs, ou o delicado equilíbrio entre o luxo e a decadência da sociedade marciana.

ca sem o saber que os possibilita. De capital importância são as fábricas de atmosfera, objeto de tratados entre as tribos adversárias, e que são o único que assegura a sobrevivência continuada de vida no planeta. O Marte Burroughsiano é uma tapeçaria rica em pormenor, dotada de história, cultura, fauna e flora detalhadas, embora nem sempre coerentes entre si (sobretudo se começarmos a contabilizar as contradições que vão surgindo à medida que as sequelas se vão acumulando). A superfície planetária, praticamente constituída pelo leito de mares há muito desaparecidos, está coberta de um musgo amarelado e é atravessada por um entrançado de canais, tais como imaginados pelo astrónomo Percival Lowell nos seus livros “*Mars*” (1895), “*Mars and its Canals*” (1906) e “*Mars as the Abode of Life*” (1908), mas como Richard D. Mullen demonstrou exaustivamente<sup>(13)</sup>, tal facto não nos autoriza a considerar os trabalhos de Lowell, tremendamente populares à data,





© Thomas Yates. Yates consegue captar perfeitamente a sensação de perigo, estranheza e poder de Barsoom.

como influência determinante para o *worldbuilding* Burroughsiano. Pura e simplesmente, as rédeas da imaginação de Burroughs estão demasiado folgadas para que este consiga seguir um plano narrativo que vá além da necessidade de surpreender e encantar o leitor ao voltar de cada página. Em 1965, Richard Lupoff (*op. cit.*) propôs que o antepassado direto de “John Carter” se encontraria na novela “*Lieut. Gullivar Jones: His Vacation*”, de Edwin Arnold, publicada em Londres em 1905. A sua tese é, ainda hoje, controversa, mas como observado por Gary Hoppenstand<sup>(14)</sup>, a ser verdadeira, serviria apenas para sublinhar, não só a ponte, como a oposição entre a obra de Burroughs, mediada pela de Arnold, com o inspirador “*The Time Machine*” (1895) de H.G. Wells. Bastante mais relevante, a meu ver, seria sublinhar a insuspeita identidade teleológica entre “*John Carter*” e “*The War of the Worlds*” (1898), daquele mesmo Wells. Com efeito, é na unidade temática destas duas obras tão díspares que podemos descobrir um valor acrescido e surpreendente na fantasia marciana do criador de Tarzan.

Unidade temática essa que vai muito para além do mero ambiente marciano, remotamente inspirado na imagem popularizada por Lowell, para encontrar um ponto de contacto surpreendente no trabalho de um outro cientista, trabalho esse bem mais sólido, revolucionário e influente: refiro-me, claro, a Charles Darwin e ao seu fundamental “*On the Origin of*

*Species by Means of Natural Selection*” (1859). Um e outro texto, de Wells e Burroughs, literalizam uma luta pela existência entre espécies em competição por recursos escassos num ambiente hostil. Mais do que isso, ambos colocam o conceito de evolução no cerne dos seus Martes imaginados, propondo novos fenótipos e estratégias evolutivas, e ambos deixam bem clara a ligação dos seus marcianos ao *homo sapiens* através dos mecanismos de um potencial desenvolvimento num ou noutro sentido. Quer para Wells, quer para Burroughs, a evolução é um processo natural e inevitável, isento de qualquer intervenção divina. O célebre e celebrado episódio do padre em “A Guerra dos Mundos” é vividamente ecoado no desenlace narrativo de “*Gods of Mars*” (1913) e “*Warlord of Mars*” (1914), obras que encerram com chave de ouro o núcleo duro da saga de John Carter de Marte, onde Burroughs revela o terror que se esconde sob o culto de Issus, uma das crenças fundamentais de Barsoom neste “*John Carter*”, cuja falsidade denuncia e a cuja destruição procede de forma inclemente<sup>(15)</sup>. O que separa essencialmente Wells de Burroughs é o meio literário em que ambos se inserem: de um lado, a longa tradição da cultura literária europeia; do outro, a jovem América, ainda sem uma tradição de literatura cristalizada em torno de obras-primas como as de Melville, Hawthorne ou Poe. É a América das *pulps*, lidas avidamente por uma população recém-alfabetizada, alheada das grandes preocupações político-filosóficas do seu tempo, mas ansiosa por estímulos e novidades. Mais do que isso, ansiosa por conhecer mais do fascinante desenvolvimento científico e tecnológico, corporizado na figura arquetípica da alma americana que é a do “inventor”, e que não só igualara, mas começava a deixar para trás a Europa. Num tal ambiente cultural,

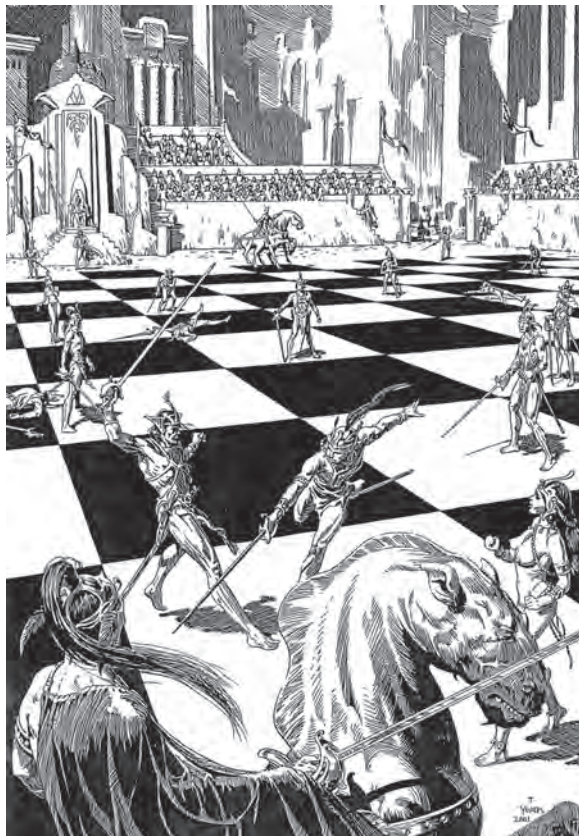
© Al Williamson. Williamson foi um dos famosos artistas de banda desenhada que trabalharam os textos de Burroughs. Outro nome de relevo foi Hal Foster, o célebre criador do Príncipe Valente.



que melhor forma de divulgação das ideias mais contraintuitivas do que as revistas populares? Burroughs conhecia demasiado bem o seu público, e fosse por falta de ambição, fosse por não lhe faltar visão, nunca procurou inserir-se nas correntes literárias do seu tempo, isolando-se da literatura dita séria, e continuando a produzir com invejável regularidade fantasias viciantes, executadas com uma inteligência insuspeita. Escreveu nas *pulps* até morrer, mesmo quando estas se tinham já transformado nas mais exigentes *Amazing* e *Astounding*, e após constituir a Edgar Rice Burroughs, Inc., ocupou-se ele próprio da publicação dos seus trabalhos.

A influência de Burroughs é quase impossível de abarcar, de tal forma se tornou omnipresente. Como a atmosfera que nos rodeia, faz-se sentir sem se mostrar, exceto quando iluminada pela fulgurante aurora boreal ou sacudida por tempestades inclementes. Dizer que Burroughs foi uma influência direta de autores tão distantes como Robert Heinlein, Michael Moorcock, Philip José Farmer ou Cordwainer Smith tem tanto de verdadeiro como de inútil. Afirmar que o próprio Superman, criado por Siegel e Schuster em 1938 foi buscar inspiração ao John Carter de Marte, cuja força física era exponencialmente multiplicada pela inferior gravidade marciana, permitindo-lhe saltar a alturas impressionantes e bater com a força de um camartelo, é tão evidente como redundante. A verdade, pura

©Thomas Yates, 2001.  
Ilustração de uma cena de *"The Chessmen of Mars"* (1922), um dos mais interessantes títulos da série, embora o protagonista seja Tara de Helium, filha de John Carter e Dejah Thoris, e irmã de Carthoris, primeiro filho, de gestação ovípara, de John Carter.





e simples, é que Edgar Rice Burroughs foi um dos mais influentes autores do século XX, não só a nível temático, mas pela forma como moldou o mercado editorial. Muito antes de George Lucas e as suas mascotes terem surpreendido meio mundo ao reservar-se os direitos de exploração de produtos associados ao seu projeto “*Star Wars*” (1977), já Burroughs se indignava quando o cheque que recebeu por “*Under the Moons of Mars*” trazer aposto o carimbo “*Por todos os direitos*”; insistiu repetidamente que apenas tinha cedido os direitos de primeira publicação em revista. A resposta dos editores não podia ser mais eloquente: “*Que outros direitos é que há?*”<sup>(16)</sup>, que não só deixava antever o apurado senso comercial de Burroughs, como constitui um precioso testemunho do beco sem saída que, em 1911, constituía o mundo das revistas *pulp*. E, no entanto, “*é às revistas pulp e à sua reconfiguração dos géneros ficcionais que devemos a versão atualmente dominante da ficção científica*”<sup>(17)</sup>, e é sem dúvida a Burroughs que devemos grande parte dessa reconfiguração.

Com efeito, o seu sucesso foi de tal monta que Sam Moskowitz, um dos primeiros historiadores desse campo, considera (com alguma dose de exagero), que “*Burroughs inverteu completamente o sentido da ficção científica da profecia e da sociologia para a aventura romântica, tornando as pulps no principal mercado desse tipo de ficção, e tornando-se na maior influência no género até 1934*”<sup>(18)</sup>. Mike Ashley<sup>(19)</sup>, o mais renomado especialista em revistas *pulp* concorda, considerando que a influência de Burroughs dominou a ficção *pulp*, durante quarenta anos. A excelente receptividade das suas obras gerou uma vaga de imitadores, ansiosos por satisfazer o desejo do público, com duas consequências inesperadas no panorama editorial: por um lado, obrigou as revistas *pulp* de ficção, que englobavam obras oriundas de todos os géneros, a começarem a especializar-se, como forma de melhor explorar o imediatismo entre a oferta e a procura; por outro lado, a competição entre revistas obrigou a uma revolução na ilustração, quer de capa, quer de miolo, abrindo as portas a um novo conceito de artista especializado na ficção científica e no fantástico. A identificação destes com as obras de Burroughs, particularmente, J. Allen St. John e Frank Frazetta, entre muitos outros, fazia com que fossem cobiçados por outros autores que assim procuravam cativar os leitores de Burroughs para as imitações das obras do Mestre, provocando renascimentos de interesse cíclicos pelo escritor, o criador de mitos, que queria apenas ser um homem normal... um Normal Bean.

A sua visão de Marte, que geraria aqueles outros Martes míticos de Ray Bradbury, Leigh Brackett, Robert Heinlein ou S.M. Stirling, adquiriu com o tempo o estatuto de verdadeira geografia do inconsciente coletivo americano. Quando Kim Stanley Robinson publicou a sua brilhante tri-

logia sobre a terraformação de Marte (“*Red Mars*”, “*Green Mars*” e “*Blue Mars*”, respetivamente em 1992, 1993 e 1996), os títulos escolhidos não só representavam as fases do processo de humanização do ambiente hostil marciano, como repetiam as cores das raças marcianas de Burroughs que, além do mais, dava nome à capital do novo planeta habitável. De tal forma que Gary Westfahl<sup>(20)</sup>, proeminente crítico literário, considerou que o próprio processo de terraformação revelava o desejo de Robinson e de outros autores contemporâneos (como Ben Bova ou Stephen Baxter) lograrem construir o Marte luxuriante que brotou da imaginação de Burroughs.

#### V. POR CÁ, COMO SEMPRE...

Apesar da sua enorme influência a nível mundial, do verdadeiro impacto transformador no mercado literário, no conteúdo temático e na imaginação popular, em Portugal, onde apenas um par de volumes das Aventuras de Tarzan viu a luz do dia nos anos cinquenta, juntamente com uma novelização do filme “*Tarzan and the Slave Girl*”, de 1950, levada a cabo por Luís Anselmo, e profusamente ilustrado por Carlos Alberto, que assinaria também as capas da posterior publicação da série de livros de Tarzan da *Portugal Press* em princípios dos anos 80, permanece quase desconhecido, quando não relegado ao estatuto de autor ilegível, destinado apenas a crianças ou adolescentes. Ah, mas é aí, quando crianças e adolescentes, que somos fisgados para o mundo das ideias. É aí que os mitos modernos criados por Burroughs e pelos autores de literatura fantástica que o precederam e que o seguiram, servem de modelo e molde da personalidade ainda maleável. Todas as crianças, num ou noutro momento, quiseram ser bombeiros ou polícias. Não é por imitação dos pais, não é por imitação da vida pouco glamorosa de uns e outros. Não; é pelo fascínio das sirenes, pela vertigem da marcha de urgência que compacta em breves instantes de tensão e adrenalina todo o significado da existência. Crescendo, ninguém aspirará a ser John Carter, ou a viver em Marte, mas o modelo, a aspiração a sermos maiores que nós próprios, a transcendermos a força das circunstâncias, que se encontra corporizado em John Carter e no interminável exército de outros heróis de peito feito e queixo quadrado, não será nunca suplantado pelos aforismos delicados e vácuos dos nossos literatos urbano-depressivos. Para mim foi um prazer incrível poder traduzir a primeira edição portuguesa deste “*John Carter*”, cem anos depois da sua publicação original. Burroughs afirmou certa vez que ao escrever se limitava a passar para o papel as histórias que costumava contar a si próprio antes de adormecer. Histórias certamente nasci-



das da responsabilidade de criar uma família no penoso arrastar por um trilho de fracassos profissionais. Talvez por isso, ou talvez por sempre ter mantido um espírito jovem e jovial, por muito cliché que tal possa soar, as histórias de Burroughs encontraram um eco bem fundo na imaginação de milhões de leitores ao longo de quatro gerações. O leitor português tem agora uma oportunidade única na vida, mercê do nosso deserto editorial – a de contactar, literalmente pela primeira vez, com uma das obras mais importantes da fantasia científica. Por instantes, seja por nostalgia ou curiosidade, poderá talvez experimentar o que os primeiros leitores de Burroughs experimentaram em 1912.

Edgar Rice Burroughs, ex-militar, criador de mitos por excelência, foi o mais velho correspondente de guerra no teatro do Pacífico depois do ataque a Pearl Harbor em dezembro de 1941, que testemunhou em direto. Faleceu a 19 de março de 1950, na sua cama, enquanto lia as páginas de banda desenhada no jornal.

#### NOTAS:

- (1) É essa a explicação avançada por Gabe Essoe no seu exaustivo “*Tarzan of the Movies*”, Citadel Press, New Jersey, 3ª edição, 1973.
- (2) O melhor de todos, por exaustivo, será sem dúvida “*Master of Adventure: The Worlds of Edgar Rice Burroughs*” (1965, 2002), Bison Books, University of Nebraska Press.
- (3) Mesmo num país como o nosso, com tão baixo grau de exigência.
- (4) Artigo autobiográfico publicado na revista *Open Road* em 1949, e citado por Lupoff em “*Master of Adventure*” (v.n.3): “*I was not writing because of any urge to write nor for any particular love of writing. I was writing because I had a wife and two babies... I loathed poverty... There is nothing honorable or fine about it...*”
- (5) De acordo com Gabe Essoe (*op. cit.*), este dado não se encontra confirmado.
- (6) “*I wish you to know that I am fully aware of the attitude of many scholars and self-imagined literati toward that particular brand of deathless literature of which I am guilty*”, in Q.D. Leavis, “*Fiction and the Reading Public*”, 1932, citado por Brian Aldiss e David Wingrove em “*Trillion Year Spree*”, Gollancz, 1986, cap. VII.
- (7) Thomas M. Disch, “*Mythology and Science Fiction*”, em *On SF*, The University of Michigan Press, 2005, p. 22.
- (8) Nota autobiográfica de Burroughs, publicada na *Amazing Stories* em junho de 1941, citada por Lupoff (*op. cit.*), p. 6-7.
- (9) Na versão publicada na *The All-Story*, sob o pseudónimo Norman Bean, o prefácio era assinado, naturalmente, “pelo editor” da revista.
- (10) “*From the records of the Colonial Office (...) we learn that a certain young English*

nobleman, whom we shall call John Clayton, Lord Greystoke (...)", *Tarzan of the Apes*, p. 1-2 da edição da Ballantine de 1990.

- (11) "[...] *They are living in Boston now*] in a wonderful home that you have seen if you ever have been to Boston and been driven about in one of those great sight-seeing motor busses. For the place is pointed out to all visitors because of the beauty of its architecture and the fame that attaches to the historic and aristocratic name of its owner, which, as it happens, is not Smith-Jones at all." *The Cave Girl* (1925), citado por Lupoff (*op. cit.*), p. 39-40.
- (12) É curioso notar, ainda que, tanto quanto nos é possível apurar, não passe de mera coincidência, que são abundantes as ligações circunstanciais entre a ficção de Burroughs e Portugal. Não só o verde e o vermelho são as cores da bandeira nacional que acabara de ser adotada – não esquecer que Burroughs escreveu "*John Carter*" no segundo semestre de 1911, como Burroughs coloca expressamente o local de nascimento de Tarzan "*a cerca de 10 graus de latitude sul*" ("*Tarzan of the Apes*", p. 160 da edição da Ballantine de 1990) na costa ocidental africana, ou seja, em Angola, na altura uma colónia portuguesa. Por outro lado, uma das últimas aventuras de Tarzan que Burroughs escreveu, "*Tarzan and the Madman*", escrita em 1940 mas publicada apenas postumamente, em 1964, apresenta uma cidade perdida, um domínio feudal português, perdido no coração da selva, que dá pelo nome de Alemejo e que é povoado pelos descendentes dos da Gama. O que torna ainda mais irónico que Burroughs seja tão pouco conhecido entre o público leitor luso, que regra geral entra em paroxismos patrióticos a qualquer menção do nome pátrio além-fronteiras. Tanto mais que, em "*The Moon Maid*" (1926), o feriado nacional do 10 de junho aparece como o Dia de Marte, por ter sido nesse dia que a Terra foi pela primeira vez contactada por John Carter, agora Imperador de Marte (após "*Warlord of Mars*", 1914). Dizem que uma vez é um facto, duas, uma coincidência, três, uma regra. Ao leitor, decidir...
- (13) "*The Undisciplined Imagination: Edgar Rice Burroughs and Lowellian Mars*", em Thomas D. Clareson, *SF: The Other Side of Realism*, Popular Press, 1971.
- (14) Posfácio à edição da Bison, de 2003.
- (15) Relativamente a esse aspeto, Nicholas Birns, em "*Barsoom Bonanza*", uma recensão publicada na *Science Fiction Studies*, v33, n° 98, março de 2006, observa de forma pertinente que "*There is an Enlightenment aspect to the early Martian Books. John Carter may be an agent of progress, as the Western colonizers of Africa claimed to be; but rather than bring a new religion to replace the old, he, in effect, rids Mars of religion altogether*".
- (16) Gabe Essoe, *op. cit.*, p. 3.
- (17) "*It is to the pulp magazines and their reconfiguration of fictional genres that we owe the dominant version of sf*". John Rieder, "*Fiction, 1895-1926*", em *The Routledge Companion to Science Fiction*, edição de Bould, Butler, Roberts & Vint, 2009, p. 31.

- (18) “*Under the Moons of Mars: A History and Anthology of ‘The Scientific Romance’ in the Munsey Magazines, 1912-1920*” (1970), ênfase no original.
- (19) “*The Time Machines: the Story of the Science Fiction Pulp Magazines from the Beginning to 1950*” (Liverpool: Liverpool University Press 2000).
- (20) “*Reading Mars: Changing Images of Mars in Twentieth-Century Science Fiction.*” *New York Review of Science Fiction*, dezembro de 2000.



## PREFÁCIO

Ao Leitor deste Tomo:

Penso que, ao apresentar-vos o estranho manuscrito do Capitão Carter em forma de livro, não serão de mais umas quantas palavras quanto a este admirável personagem.

A primeira memória que tenho do Capitão Carter respeita aos poucos meses que passou em casa do meu pai, na Virgínia, mesmo antes do começo da Guerra Civil. Na altura, era eu apenas uma criança com não mais de cinco anos, no entanto recordo-me do homem alto, moreno, atlético, de rosto suave a quem tratava como Tio Jack.

Parecia estar sempre a rir-se; e participava nos jogos das crianças com o mesmo companheirismo caloroso que demonstrava para com os passatempos de que os homens e mulheres da sua idade desfrutavam; ou simplesmente sentava-se, por uma ou duas horas entretendo a minha avó com as histórias da sua vida estranha e selvagem, um pouco por todo o mundo. Todos gostávamos dele, e os nossos escravos praticamente adoravam o chão que ele pisava.

Era um esplêndido espécime de masculinidade, medindo uns bons cinco centímetros para lá do metro e oitenta, largo de ombros e de cintura estreita, exibindo o porte de um homem treinado para combater. Tinha as feições regulares e bem definidas, o cabelo preto cortado curto, ao passo que os olhos eram de um cinzento de aço, refletindo uma personalidade forte e leal, cheia de fogo e ímpeto. Tinha uns modos irrepreensíveis, e a sua educação era a de um perfeito cavalheiro do Sul.

Vê-lo montar a cavalo, sobretudo atrás dos galgos, era uma maravilha



e um deleite para a vista, mesmo naquela terra de magníficos cavaleiros. Muitas vezes ouvi o meu pai adverti-lo contra o seu comportamento temerário, mas ele limitava-se a rir, dizendo que a queda que o havia de matar seria de um cavalo que ainda não fora parido.

Deixou-nos quando deflagrou a guerra, e não voltei a vê-lo durante uns quinze ou dezasseis anos. Quando regressou, foi de forma inesperada, e fiquei muito surpreso ao constatar que aparentemente não envelhecera um único dia, nem apresentava qualquer mudança na sua maneira de ser. Quando na companhia de alguém, era o mesmo sujeito feliz e despreocupado que outrora conhecêramos, mas quando se pensava sozinho, cheguei a vê-lo a olhar para o espaço durante horas, com uma expressão de saudoso anelo e irreparável tristeza; e à noite sentava-se dessa forma, olhando para os céus, sem que eu soubesse para quê concretamente, até ter lido este manuscrito anos mais tarde.

Disse-nos que passara grande parte desses anos depois da guerra como prospetor e minando ouro no Arizona; que fora muito bem-sucedido, atestava-o a quantidade de dinheiro quase ilimitada de que parecia dispor. Quanto aos detalhes da sua vida durante esse período, mostrava-se reticente em falar... na verdade, nunca falava dela.

Permaneceu connosco cerca de um ano, antes de partir para Nova Iorque, onde comprou uma pequena propriedade no rio Hudson, onde o visitei uma vez por ano, sempre por ocasião da minha deslocação ao mercado de Nova Iorque – já que eu e o meu pai possuíamos e operávamos uma cadeia de lojas espalhadas pela Virgínia. O Capitão Carter possuía uma casa de campo, pequena e muito bonita, situada numa falésia com vista para o rio, e numa das minhas últimas visitas, no Inverno de 1885, apercebi-me de que estava muito ocupado a escrever. Presumo agora que se tratasse deste manuscrito.

Nessa altura disse-me que se algo lhe viesse a acontecer, desejava que me encarregasse dos seus bens, e deu-me a chave de um compartimento no cofre que tinha no seu estúdio, dizendo-me que aí encontraria o seu testamento, bem como algumas instruções pessoais que me fez jurar que cumpriria escrupulosamente.

Após me ter retirado para o quarto, vi-o da minha janela, ao luar, na borda da falésia sobre o Hudson, com os braços esticados para o céu como que numa prece. Na altura pensei que estivesse a rezar, embora nunca tivesse tido a mais pequena sugestão de que fosse um homem crente no sentido estrito da palavra.

Vários meses após ter regressado a casa da minha última visita, creio que no dia 1 de março de 1886, recebi um telegrama dele pedindo-me que o fosse ver de imediato. Sempre fui o seu favorito da mais recente geração de Carters, e por isso apressei-me a satisfazer-lhe o pedido.

Cheguei à pequena estação de comboios, a cerca de quilómetro e meio da sua propriedade, na manhã do dia 4 de março de 1886, e quando pedi ao moço de estrebaria que me levasse a casa do Capitão Carter, respondeu-me que se eu era amigo do Capitão, tinha muito más notícias para me dar; o Capitão tinha sido encontrado morto pouco depois do amanhecer pelo vigia de uma das propriedades vizinhas.

Fosse por que razão fosse, as novas não me surpreenderam, mas apressei-me a chegar à sua propriedade tão depressa quanto possível, para que me pudesse ocupar do funeral e dos seus assuntos.

Encontrei o vigia que descobrira o corpo, juntamente com o chefe da polícia e vários vizinhos, reunidos no seu pequeno estúdio. O vigia descreveu os escassos detalhes relativos à descoberta do corpo, que disse ainda estar quente quando se deparara com ele. Estava deitado, disse ele, estendido ao comprido na neve, com os braços esticados acima da cabeça na direção da borda do penhasco, e quando me mostrou o local, apercebi-me subitamente que era precisamente o mesmo em que o vira naquelas noites, com os braços estendidos em súplica aos céus.

O corpo não exibia sinais de violência, e com o auxílio de um médico local, o médico-legista prontamente concluiu tratar-se de morte por insuficiência cardíaca. Finalmente só no estúdio, abri o cofre e retirei o conteúdo da gaveta onde me dissera que encontraria as minhas instruções. Em parte, eram de facto bastante peculiares, mas segui-as até ao mais ínfimo detalhe, tão escrupulosamente quanto era capaz.

Deixou instruções para que o seu corpo fosse transportado para a Virgínia sem ser embalsamado, e que fosse colocado num caixão aberto num jazigo que previamente construía para esse efeito e que, como mais tarde vim a saber, se encontrava bem ventilado. As instruções deixavam bem claro que devia assegurar-me pessoalmente de que tal era executado tal como ele determinara, em segredo se necessário fosse.

A sua propriedade foi de tal forma disposta que me caberia usufruir dos seus rendimentos durante vinte e cinco anos, após o que também a sua propriedade seria minha. O remanescente das suas instruções dizia respeito a este manuscrito, que deveria manter selado, tal como o encontrei, por onze anos; tão-pouco deveria divulgar o seu conteúdo até terem decorrido vinte e um anos sobre a sua morte.

Um pormenor estranho do seu jazigo, onde o seu corpo repousa ainda, é a porta maciça, equipada com uma única fechadura de mola revestida a ouro *que apenas pode ser aberta a partir do interior*.

Com os meus mais sinceros cumprimentos,  
Edgar Rice Burroughs.



## CAPÍTULO 1

### NAS COLINAS DO ARIZONA

Sou muito velho; não sei dizer que idade tenho. Provavelmente cem anos, provavelmente mais; a razão porque não o sei dizer é porque nunca envelheci como os outros homens, nem tão-pouco recordo ter tido infância. Tanto quanto me consigo lembrar, sempre fui um homem, um homem com cerca de trinta anos de idade. Tenho hoje a mesma aparência que tinha há mais de quarenta anos, e no entanto sinto que não posso continuar a viver para sempre, que um dia morrerei a morte real, da qual não há ressurreição. Não vejo porque deveria temer a morte, eu que já morri duas vezes e no entanto continuo vivo; porém, sinto o mesmo horror da morte que tu que nunca morreste e, creio, é por causa deste terror da morte que estou tão convicto da minha mortalidade.

E foi devido a tal convicção que me propus escrever a história dos períodos mais interessantes da minha vida e da minha morte. Não sei explicar estes fenómenos; apenas posso registar aqui, nas palavras de um mero soldado da fortuna, uma crónica dos estranhos eventos que me sucederam nos dez anos em que o meu corpo permaneceu por descobrir numa caverna do Arizona.

Nunca contei esta história a ninguém; nem homem algum porá os olhos neste manuscrito até eu ter mergulhado na eternidade da morte. Sei que as mentes medianas não são capazes de acreditar naquilo que não conseguem abarcar, e sendo assim não é meu propósito expor-me à irrisão do público, do púlpito, e da imprensa, e ser julgado o maior dos mentirosos quando não digo senão a mais simples das verdades, que um dia a ciência

não deixará de confirmar. Provavelmente, as ideias que adquiri em Marte, e o conhecimento que posso registrar nesta crónica, serão de grande préstimo a uma compreensão mais precoce dos mistérios do nosso planeta irmão; mistérios para vós, mas já não para mim.

Chamo-me John Carter; sou mais conhecido como Capitão Jack Carter da Virgínia. Perto do final da Guerra Civil, dei comigo na posse de várias centenas de milhares de dólares (Confederados) e uma comissão de serviço como capitão na arma de Cavalaria de um exército que já não existia; servidor de um Estado que se desvanecera juntamente com as esperanças do Sul. Sem amo, sem tostão, e com a minha única forma de ganhar a vida – o combate – desaparecida, decidi rumar para sudoeste e aí tentar reconstruir a minha fortuna em busca de ouro.

Passei quase um ano em prospeção juntamente com um outro oficial Confederado, o Capitão James K. Powell, de Richmond. Tivemos muita sorte, pois logo em finais de 1865, após muitos trabalhos e privações, localizámos o mais fabuloso veio de quartzo rico em ouro que alguma vez havíamos imaginado, mesmo no mais desbragado dos sonhos. Powell, que era engenheiro de minas por formação, disse-me que em pouco mais de três meses, tínhamos descoberto mais de um milhão de dólares em ouro.

Como o nosso equipamento era extremamente tosco, decidimos que um de nós deveria regressar à civilização, adquirir a necessária maquinaria e voltar com um grupo de homens que permitisse explorar adequadamente a mina.

Já que Powell conhecia bem o terreno, bem como os necessários requisitos da mineração, decidimos que devia ser ele a fazer a viagem. Acordámos que eu ficaria a assegurar a nossa concessão, não fosse ela ser apropriada por qualquer outro prospector que deparasse com ela.

A 3 de março de 1866, Powell e eu preparámos as provisões em dois dos nossos burros e, despedindo-se com jovialidade, ele montou o seu cavalo e começou a descer a encosta montanhosa rumo ao vale, cuja travessia constituía a primeira etapa da sua viagem.

A manhã em que Powell partiu era, como todas as manhãs no Arizona, bela e soalheira; podia vê-lo, juntamente com os animais de carga, a descer cautelosamente em direção ao vale e, ao longo de toda a manhã, consegui ter alguns vislumbres deles sempre que surgiam na crista de uma colina ou avançavam por um planalto. A última vez que vi Powell foi por volta das três da tarde, quando penetrou na sombra da cadeia montanhosa do lado contrário do vale.

Uma meia hora mais tarde, calhei olhar para o outro lado do vale e fiquei muito surpreso por ver três minúsculos pontos no último local onde vira o meu colega e os dois burros de carga. Não sou dado a preocupações



desnecessárias, mas quanto mais me tentava convencer de que estava tudo bem com Powell, e que os pontos que vira na sua esteira deviam ser antílopes ou cavalos selvagens, menos me convencia disso.

Não tínhamos visto um único índio hostil desde que entráramos no território, e, por isso, desleixáramo-nos ao máximo, dando-nos ao luxo de achar ridículas as histórias que ouvíamos quanto aos grandes números de salteadores violentos e traiçoeiros que rondavam os trilhos, cobrando um alto preço em vidas e atos de tortura de cada grupo de brancos que caíam nas suas garras impiedosas.

Powell, como bem sabia, estava bem armado e tinha muita experiência de combate aos Índios; mas também eu passara muitos anos a viver e a lutar entre os Sioux do Norte, e sabia que teria poucas hipóteses contra uma investida de matreiros Apaches que lhe estivessem a seguir o rasto. Por fim, já não podia aguentar mais a incerteza e, armado com os meus dois revólveres Colt e uma carabina, enrolei dois cintos de munições em redor do tronco e, selando o cavalo, fiz-me à trilha que Powell percorrera nessa manhã.

Logo que alcancei terreno mais ou menos plano, obriguei o cavalo a seguir a meio galope, e assim fiz sempre que podia até que, perto do anoitecer, descobri o ponto onde outros rastos se juntavam ao de Powell. Eram os rastos de pôneis desferrados, três deles, e tinham passado por ali a galope.

Segui-os rapidamente até que, com a noite a cerrar-se sobre mim, fui obrigado a esperar que a Lua se levantasse, tendo assim oportunidade para pensar na possível loucura que era aquela perseguição. Era possível que tivesse conjurado perigos inexistentes, como se não passasse de uma mera dona de casa nervosa, e quando alcançasse Powell, seria alvo de uma boa gargalhada como paga de todo o meu esforço. No entanto, não sou facilmente impressionável, e seguir o meu sentido do dever, fosse onde fosse que isso me levasse, sempre fora uma espécie de fetiche ao longo da minha vida; o que pode explicar as inúmeras distinções que me foram atribuídas por três repúblicas distintas, bem como as condecorações e a amizade de um velho e poderoso Imperador e de vários reis menores, ao serviço dos quais a minha espada ficara várias vezes tingida de vermelho.

Por volta das nove, a Lua estava suficientemente brilhante para que eu pudesse prosseguir caminho e não tive dificuldade em seguir o rasto a passo rápido, e mesmo, em alguns pontos, num enérgico galope até que, por volta da meia-noite, cheguei ao pequeno poço natural onde Powell contava acampar. Cheguei lá de forma inesperada, encontrando-o completamente deserto, sem qualquer indício de ter sido recentemente utilizado como acampamento.

Foi interessante observar que os rastos dos cavaleiros que perseguiram Powell, pois estava agora certo de que era essa a situação, continuavam atrás dele após uma breve paragem para beber, e sempre à mesma velocidade.

Tinha agora a certeza de que os perseguidores eram Apaches e que desejavam capturar Powell com vida, para terem o diabólico prazer de o torturarem, pelo que incitei o meu cavalo a avançar a um ritmo perigoso, esperando contra toda a esperança conseguir alcançar os cães vermelhos antes que estes o pudessem atacar.

Qualquer outra ideia foi dissipada pelo vago eco de dois disparos muito à minha frente. Sabia que se havia ocasião em que Powell precisasse de mim, era aquela, e imediatamente obriguei o cavalo a dar tudo o que tinha, trepando o trilho montanhoso, estreito e irregular.

Teria avançado quase dois quilómetros, ou um bocado mais, sem ouvir qualquer outro som, quando o trilho desembocou subitamente num pequeno planalto, perto do cimo do desfiladeiro. Tinha atravessado uma estreita garganta rochosa antes de penetrar subitamente naquela meseta, e o panorama com que os meus olhos se depararam encheram-me de consternação e desânimo.

A pequena extensão rochosa estava branca com a concentração de *tepees*, e pelo menos meio milhar de guerreiros peles-vermelhas acotovela-vam-se em redor de um qualquer objeto no centro do acampamento. A sua atenção estava de tal forma centrada naquele ponto de interesse que não se aperceberam da minha presença, e ter-me-ia sido fácil recuar para a proteção da sombra do desfiladeiro e fugir dali com toda a segurança. Porém, o facto de tal ideia nem sequer me ter ocorrido senão na manhã seguinte afasta a possibilidade de me reclamar de qualquer ato heroico a que a narração deste episódio me pudesse eventualmente candidatar.

Não me creio feito da mesma massa que os heróis, pois das centenas de ocasiões em que os meus atos voluntários me colocaram frente a frente com a morte, não recordo uma única onde qualquer alternativa aos meus atos me tivesse ocorrido senão passadas algumas horas. Não há dúvidas de que a minha mente está de tal forma composta que sou subconscientemente compelido a seguir o meu dever sem me entregar a desgastantes processos mentais. Seja como for, nunca lamentei não possuir a opção da cobardia.

Neste caso, claro, tinha a certeza de que era Powell o centro das atenções; não sei dizer se pensei ou agi primeiro, mas um instante após me ter deparado com aquela cena, tinha já sacado os revólveres e avançava contra o exército de guerreiros, disparando rapidamente, e gritando a plenos pulmões. Sozinho como estava, não podia ter escolhido melhor tática, pois os peles-vermelhas, levados a pensar pela surpresa que nada menos do que

um regimento da cavalaria carregava sobre eles, largaram a correr em todas as direções, em busca dos seus arcos, flechas e carabinas.

O cenário que a sua atividade descobriu encheu-me de apreensão e raiva. Sob os límpidos raios do luar do Arizona jazia Powell, com o corpo trespassado pelas flechas hostis dos peles-vermelhas. Que estava morto era evidente, no entanto, tão depressa resgataria o seu corpo da mutilação às mãos daqueles selvagens, como salvaria o homem das garras da morte.

Cavalgando até junto dele, debrucei-me da cela e lancei-lhe a mão ao cinturão, atravessando-o sobre a cernelha do meu cavalo. Um olhar para trás convenceu-me de que regressar por onde viera seria mais perigoso do que atravessar a meseta, e assim, enterrando as esporas no pobre animal, lancei-me a galope rumo à abertura do desfiladeiro que podia ver do outro lado do planalto rochoso.

Os índios já se tinham apercebido de que me encontrava só, e perseguiram-me com imprecações, flechas e bolas de mosquete. Por ser difícil apontar corretamente à luz do luar tudo o que não sejam imprecações, por terem ficado desconcertados pela forma inesperada como sugira entre eles, e porque eu era um alvo em movimento bastante rápido, fui salvo dos vários projéteis mortais do inimigo e foi-me permitido alcançar a sombra dos picos circundantes antes que pudessem sair em minha perseguição.

O meu cavalo seguia praticamente sem ser conduzido, pois eu sabia que tinha menos noção da localização do trilho através do desfiladeiro do que ele, e foi tanto assim que ele acabou por entrar num desfiladeiro que levava ao cume da cadeia montanhosa e não à passagem que eu tinha esperança que nos conduzisse de regresso ao vale e à segurança. É possível, porém, que a esse facto deva a minha vida e as admiráveis experiências e aventuras que vivi nos dez anos que se seguiram.

A primeira noção que tive de que estava no trilho errado surgiu quando ouvi os gritos dos selvagens que me perseguiam tornarem-se cada vez mais ténues, desaparecendo à minha esquerda.

Soube assim que tinham passado pelo lado esquerdo da agreste formação rochosa na orla da meseta, para a direita da qual o meu cavalo me levava, juntamente com o corpo de Powell.

Detive o cavalo num pequeno promontório que deitava para o trilho que se estendia por baixo de mim e para a esquerda, e pude ver o grupo de selvagens que me perseguia a desaparecer por detrás do cume de um pico próximo.

Sabia que os índios não tardariam a descobrir que estavam no trilho errado e que a busca seria reiniciada na direção correta logo que localizassem os meus rastos.

Tinha avançado uma curta distância, quando vi o que parecia ser um trilho excelente que se abria no dobrar da face de um penhasco bem alto. O trilho era plano e bastante largo e subia a montanha, mais ou menos na direção que eu queria seguir. O penhasco erguia-se uma boa centena de metros à minha direita, e à minha esquerda encontrava-se um precipício igualmente vertiginoso e quase perpendicular, que mergulhava até ao fundo de uma ravina rochosa.

Tinha seguido coisa de cem metros ao longo do trilho, quando uma curva apertada para a direita me deixou à entrada de uma ampla caverna. A abertura devia ter metro e meio de altura, e metro ou metro e meio de largura, e aí terminava o trilho.

Já tinha amanhecido e, com a habitual ausência de uma alvorada que era uma das surpreendentes características do Arizona, tinha-se feito dia quase sem avisar.

Desmontando, pousei o corpo de Powell no chão, mas até o mais minucioso exame foi incapaz de revelar a mínima centelha de vida. Despejei-lhe água do meu cantil sobre os lábios, obrigando-o a beber, lavei-lhe a cara e esfreguei-lhe as mãos, massajando-o continuamente durante quase uma hora, apesar de saber que estava morto.

Sentia grande afeto por Powell; era um homem na mais completa aceção da palavra; um educado cavalheiro do Sul; um amigo verdadeiro e fiel; e foi com o mais profundo dos pesares que finalmente abandonei os meus esforços para o ressuscitar.

Deixando o corpo de Powell onde o deitara perto da borda do precipício, entrei na caverna para fazer um reconhecimento. Deparei-me com um espaço amplo, com uns bons trinta metros de diâmetro e com dez ou doze metros de altura; com o chão de rocha lisa e desgastada, apresentava vários outros sinais de que, num passado remoto, a caverna fora habitada. O fundo da caverna perdia-se numa escuridão tão intensa que não me era possível determinar se existiam aberturas para outras câmaras.

Ao prosseguir com a exploração, comecei a sentir-me invadido por um agradável torpor, que atribuí ao cansaço da longa e exigente cavalgada, e à emoção da luta e da perseguição. Sentia-me comparativamente seguro ali onde estava, bem sabendo que um único homem era capaz de defender o trilho que levava à caverna contra um exército inteiro.

Não tardei a sentir-me tão sonolento que mal conseguia resistir à forte tentação de me deitar no chão por uns instantes, mas sabia que isso seria impensável, pois poderia significar a morte certa às mãos dos meus amigos índios, que poderiam surgir a qualquer momento. Com determinação, dirigi-me à entrada da caverna, apenas para cambalear, como que embriagado, contra uma das paredes, e daí escorregar de borco para o chão.

## CAPÍTULO 2

### ESCAPANDO DA MORTE

Fui dominado por uma sensação de deliciosa abstração, sentindo os músculos a relaxar, e estava prestes a entregar-me ao desejo de dormir quando ouvi o som de cavalos que se aproximavam. Tentei erguer-me de um pulo, mas descobri horrorizado que os músculos não me obedeciam. Estava agora completamente desperto, mas tão incapaz de mexer um músculo como se fosse feito de pedra. Foi nesse momento que me apercebi, pela primeira vez, de um ténue vapor que ia invadindo a caverna. Era muito ténue e apenas perceptível à contraluz do dia que recortava a entrada. Às narinas chegou-me também um odor pungente, e apenas pude concluir ter sido dominado por um qualquer gás venenoso, embora não conseguisse perceber como podia ter mantido as capacidades mentais e ter perdido a capacidade motriz.

Estava caído voltado para a entrada, numa posição que me permitia ver a curta extensão do trilho entre a caverna e a dobra do penhasco onde o trilho desaparecia. O estrépito dos cavalos que se aproximavam tinha cessado, e calculei que os índios estariam a avançar sorrateiramente ao longo da estreita protuberância que conduzia ao meu túmulo ainda em vida. Recordo-me de ter desejado que me matassem rapidamente, pois não me agradava nada a ideia das inúmeras coisas que me poderiam fazer se a isso se sentissem tentados.

Não tive de esperar muito até um som furtivo me alertar para a sua proximidade e, pouco depois, um rosto marcado por pinturas de guerra espreitou cauteloso da dobra do penhasco, e um par de olhos selvagens



cruzou olhares comigo. Não tinha dúvidas de que me conseguia ver no lusco-fusco da caverna, pois a luz do Sol da manhã caía diretamente sobre mim.

O indivíduo, ao invés de se aproximar, ficou ali especado, a olhar-me fixamente; de olhos esbugalhados e queixo caído. Depois surgiu o rosto de outro selvagem, e de um terceiro, de um quarto e de um quinto, espreitando sobre os ombros uns dos outros, já que não podiam passar por eles no rebordo tão estreito. Cada um daqueles rostos era um quadro de medo e assombro, por que razão, não sabia, nem descobri senão dez anos mais tarde. Era óbvio que havia ainda mais guerreiros por detrás daqueles, pois os líderes passavam informação para trás, em sussurro.

Subitamente, um som baixo e gemebundo proveio dos recônditos da caverna por trás de mim e, ao chegar aos ouvidos dos índios, fez com que estes debandassem horrorizados, completamente dominados pelo pânico; eram de tal forma frenéticos na sua tentativa de escapar daquela coisa invisível por trás de mim, que um dos selvagens foi empurrado da borda do penhasco, mergulhando de cabeça sobre os rochedos lá ao fundo. Os seus gritos ecoaram pelos desfiladeiros durante uns instantes mais, e depois tudo foi silêncio.

O som que os tinha assustado não se repetiu, mas tinha sido mais do que suficiente para mergulhar em especulações sobre o possível horror que se acobertava nas sombras às minhas costas. Medo é uma expressão subjetiva, e só posso avaliar o que senti nesse momento por comparação com situações anteriores de perigo, e com aquelas que vivi desde essa altura; mas posso dizer sem qualquer pejo que se as sensações que padeci nos minutos seguintes eram medo, então que Deus tenha piedade dos cobardes, pois a cobardia só pode ser um castigo em si mesma.

Ficar paralisado, com as costas voltadas para um perigo horrível e desconhecido, cujo som fizera que os ferozes guerreiros Apaches debandassem como um rebanho de cordeiros perante uma alcateia, parece-me ser a suprema provação em termos de medo para alguém habituado a bater-se pela sua vida com toda a energia que um físico poderoso lhe permitia.

Por diversas vezes julguei ouvir alguns ruídos por trás de mim, como de alguém que avançasse cautelosamente, mas estes acabaram por desaparecer, deixando-me mergulhado em conjeturas quanto à minha sorte. Podia apenas vagamente especular quanto à causa da paralisia, e a minha única esperança era que esta pudesse desvanecer-se tão subitamente como surgira.

Ao final da tarde, o meu cavalo, que permanecera à entrada da caverna com as rédeas dependuradas, começou a descer lentamente o trilho, obviamente em busca de comida e água, deixando-me sozinho com o meu

misterioso companheiro e o cadáver do meu amigo, que estava caído no meu limite de visão na saliência onde o colocara nessa manhã.

Daí até possivelmente à meia-noite, tudo foi silêncio, um silêncio de morte; depois, subitamente, fez-se ouvir o mesmo gemido dessa manhã, e mais uma vez das sombras impenetráveis veio o som de alguma coisa em movimento, e um roçar, como de folhas secas. O choque para o meu sistema nervoso, já tão esgotado, foi terrível e, com um esforço sobre-humano, tentei quebrar as horríveis grilhetas que me imobilizavam. Foi um esforço da mente, da vontade, dos nervos, não um esforço muscular, pois não conseguia mexer sequer o dedo mindinho, mas ainda assim um esforço poderoso. E então algo cedeu, senti uma sensação de náusea momentânea, um clique seco, como o de um arame a quebrar-se, e dei comigo encostado à parede da caverna, enfrentando o meu adversário desconhecido.

Nesse momento, a caverna foi inundada pelo luar, e ali, diante de mim, estava caído o meu corpo, tal como estivera todas aquelas horas, com os olhos fixos na entrada da caverna e as mãos tombadas sem força no solo. Olhei, primeiro, para o barro inanimado que era o meu corpo, ali, no solo da caverna, e só depois para mim, dominado pelo mais completo assombro; pois ali estava eu vestido, e aqui nu como no dia em que tinha nascido.

A transição tinha sido tão súbita, e tão inesperada, que fiquei ali por instantes, alheio a tudo que não a minha estranha metamorfose. A primeira coisa que me ocorreu foi, com que então é isto a morte! Passei então, por fim e para sempre, para essa outra vida! Mas não conseguia convencer-me disso, pois sentia ainda o coração a pulsar contra as costelas devido ao esforço para me libertar da anestesia que me dominara. Respirava em haustos curtos e breves, sentia suor frio a jorrar de cada poro do meu corpo, e a velha técnica de me beliscar provou-me que era tudo menos um fantasma.

Fui novamente chamado à realidade da minha situação por uma repetição do estranho gemido oriundo das profundezas da caverna. Nu e desarmado como me encontrava, não tinha o menor desejo de enfrentar a coisa que me ameaçava.

Os meus revólveres continuavam no cinturão do meu corpo inanimado, o qual, por qualquer motivo insondável, não me conseguia levar a tocar. A carabina estava no estojo, preso à sela, e como o meu cavalo se tinha afastado, ficara sem qualquer meio de defesa. A minha única alternativa parecia residir na fuga, e a minha decisão cristalizou-se quando voltei a ouvir o som roçagante provocado pela coisa que agora parecia, na escuridão da caverna e perante a minha imaginação distorcida, estar a avançar furtivamente na minha direção.

Incapaz de resistir nem mais um momento à vontade de escapar daquele lugar horrível, saltei rapidamente pela abertura da caverna, para bai-

xo do céu estrelado de uma límpida noite do Arizona. O ar fresco e cortante da montanha no exterior da caverna teve o efeito imediato de um tônico, e senti um novo alento e renovada coragem a correr-me pelo corpo. Detendo-me na borda da saliência, censurei-me pelo que agora se me afigurava tratar-se de apreensão injustificada. Recordei-me de que permanecera durante horas, indefeso, naquela caverna, sem que nada me tivesse molestado, e um juízo mais calmo, dispondo agora de um raciocínio límpido e lógico, convenceu-me de que os ruídos que tinha escutado deviam ter origem em causas naturais e inofensivas; provavelmente, resultavam da conformação da própria caverna, que fazia com que a mais ligeira brisa provocasse os sons que tinha escutado.

Decidi investigar, mas primeiro levantei a cabeça e respirei fundo, enchendo os pulmões com o ar puro e revigorante da noite nas montanhas. Ao fazê-lo, vi estender-se abaixo de mim o panorama deslumbrante do desfiladeiro rochoso e do planalto pontilhado de catos, transformado pelo luar num milagre de suave esplendor e maravilhoso encanto.

Poucas maravilhas do Oeste são tão deslumbrantes como uma paisagem luarenta do Arizona; as montanhas prateadas na distância, as estranhas luzes e sombras nas encostas e nos arroios, e os pormenores grotescos dos catos rijos, e ainda assim belos, formam uma imagem ao mesmo tempo encantadora e inspiradora; como se pela primeira vez tivéssemos um relance de um mundo morto e esquecido, tão diferente é o seu aspeto do de qualquer outro ponto da Terra.

E enquanto assim meditava, desviei o olhar da terra para os céus, onde uma miríade de estrelas formava uma cobertura apropriada e deslumbrante para as muitas maravilhas da paisagem terrena. A minha atenção foi rapidamente atraída para uma grande estrela vermelha, próxima do horizonte longínquo. Enquanto a fitava fixamente, senti uma onda de sobrepujante fascínio – era Marte, o deus da guerra e, sobre mim, o soldado sempre exercera um fascínio de poder irresistível. Olhando para ele naquela noite tão distante, parecia chamar-me através do vazio impensável, atraindo-me a si, arrastando-me como um íman arrasta uma partícula de ferro.

O desejo era mais forte que qualquer possibilidade de oposição; fechei os olhos, estendi os braços na direção do deus da minha vocação, e senti-me arrastado com a precipitação do pensamento através da imensidão infinita do espaço. Deu-se um momento de frio extremo e escuridão absoluta.

### CAPÍTULO 3

#### A MINHA CHEGADA A MARTE

Abri os olhos para me deparar com uma paisagem desconhecida e estranha. Sabia que estava em Marte; nem por um momento pus em causa a minha sanidade ou o facto de estar desperto. Não estava a sonhar, não era preciso beliscar-me para o confirmar; a minha consciência interior dizia-me de forma tão clara que estava em Marte, como a vossa mente consciente vos diz que estais na Terra. Não põem esse facto em causa; eu tão-pouco pus.

Dei comigo deitado num leito de vegetação amarelada, semelhante a musgo, que se estendia à minha volta em todas as direcções por intermináveis quilómetros. Parecia estar deitado numa bacia circular e profunda, ao longo de cuja borda podia distinguir os contornos irregulares de várias colinas.

Era meio-dia, o Sol brilhava com força e sentia muito calor no corpo nu, mas não mais do que seria normal em circunstâncias similares no deserto do Arizona. Aqui e ali viam-se pequenas elevações de rocha rica em quartzo, que refulgiam à luz do Sol; ligeiramente à minha esquerda, talvez a uma centena de metros, surgia um recinto baixo e murado, com cerca de metro e vinte de altura. Não havia sinais de água, nem de vida de qualquer outra vegetação que não o musgo, e já que sentia alguma sede, decidi fazer uma pequena exploração.

Ao levantar-me, tive a minha primeira surpresa marciana, pois o esforço, que na Terra me teria colocado de pé, fez-me erguer uns bons três metros no ar de Marte. No entanto, foi com suavidade que voltei a pousar, sem qualquer choque ou estremecimento. Foi o início de uma série de mo-

vimentos que mesmo nesse instante me pareceram tremendamente ridículos. Apercebi-me de que tinha de voltar a aprender a andar, já que o esforço muscular que me permitia mover com facilidade e em segurança na Terra, me pregava curiosas partidas ali em Marte.

Ao invés de avançar de uma forma sã e digna, as minhas tentativas de caminhar resultavam sempre numa variedade de pulos que me arrancavam um par de metros do chão a cada passo, e me faziam aterrar de borco ou de costas a cada terceiro ou quarto pulo. Os meus músculos, perfeitamente adaptados à força da gravidade terrestre, pregavam-me tremendas partidas ao tentar lidar pela primeira vez com a menor gravidade e com a mais baixa pressão do ar em Marte.

No entanto, estava determinado a explorar a pequena estrutura que era o único indício de habitação à vista, e assim divisei a ideia peregrina de recorrer a um dos princípios mais elementares da locomoção: gatinhar. Dei-me bastante bem com isso e em poucos instantes tinha chegado à parede baixa, que rodeava a estrutura.

O lado mais próximo não parecia possuir portas ou janelas, mas como o muro não tinha mais de metro e vinte de altura, pus-me cuidadosamente em pé e espreitei por cima dele, deparando-me com a cena mais estranha que alguma vez vira.

O telhado da estrutura era de vidro maciço, com dez ou onze centímetros de espessura, e sob ele viam-se várias centenas de grandes ovos, perfeitamente redondos e brancos como a neve. Os ovos eram praticamente do mesmo tamanho, com um diâmetro de setenta e cinco centímetros.

Cinco ou seis já tinham eclodido e as caricaturas grotescas que piscavam os olhos ao sol eram o bastante para pôr em causa a minha sanidade. Pareciam ser quase tudo cabeça, com corpos pequenos e enfezados, longos pescoços e seis pernas, ou, como vim a saber mais tarde, duas pernas e dois braços, com um par de membros intermediários que podiam ser utilizados livremente como braços ou como pernas, consoante as circunstâncias. Os olhos estavam situados em extremos opostos da cabeça, ligeiramente acima do centro e de tal forma protuberantes que podiam orientar-se para trás ou para diante e independentemente um do outro, assim permitindo àquele estranho animal olhar para qualquer direção, em duas direções ao mesmo tempo, sem necessidade de voltar a cabeça.

As orelhas, que ficavam um pouco acima dos olhos e próximas uma da outra, eram pequenas antenas em forma de taça e, naqueles espécimes tão jovens, não sobressaíam mais de dois a três centímetros. O nariz não passava de um traço longitudinal no centro do rosto, a meio caminho entre a boca e as orelhas.

Não tinham um único pelo no corpo, que era de um tom claro, ver-



de-amarelado. Nos adultos, tal como não tardaria a descobrir, esse tom escurece até ter a cor de uma azeitona, sendo mais escuro nos machos do que nas fêmeas. Ademais, nos adultos, a cabeça não é tão desproporcional em relação ao corpo como no caso das crias.

A íris dos olhos é de um vermelho cor de sangue, como nos albinos, ao passo que a pupila é negra. O globo ocular propriamente dito é de um branco intenso, tal como os dentes. Estes últimos conferem um ar feroz a um rosto de aspeto já de si tão terrível e assustador, pois as presas inferiores curvam para cima terminando em pontas afiadas, mais ou menos à altura onde se encontrariam os olhos num ser humano. A brancura dos dentes não é a do marfim, mas a da mais alva e pura porcelana. Contra o fundo escuro da sua pele verde, as presas sobressaem de uma forma impressionante, fazendo com que aquelas armas exibam um aspeto especialmente formidável.

Só mais tarde me apercebi da maior parte desses detalhes, pois não me foi permitido muito tempo para conjeturas sobre as maravilhas da minha mais recente descoberta. Apercebi-me de que os ovos estavam no processo de eclosão e, enquanto via aqueles monstrinhos hediondos a libertarem-se das cascas, não me apercebi da aproximação de um grupo de marcianos adultos por trás de mim.

Avançando, como foi o caso, sobre o musgo macio e silencioso, que cobre praticamente toda a superfície de Marte, com exceção das áreas geladas dos polos e as esparsas zonas cultivadas, poderiam ter-me capturado facilmente, mas as suas intenções eram bem mais sinistras. Foi o chocalhar do equipamento do guerreiro mais avançado que me alertou.

A minha vida esteve dependente de um tão ínfimo pormenor, que ainda hoje me surpreende ter conseguido escapar com tanta facilidade. Não fosse a carabina que o líder do grupo levava dependurada dos arreios da sela bater no cabo da sua grande lança metálica, estaria morto antes sequer de me aperceber da aproximação do ceifeiro. Mas o pequeno ruído fez-me voltar e ali, a não mais de três metros do meu peito, estava a ponta daquela enorme lança, uma lança com doze metros de comprimento e ponta de metal cintilante, e segura à altura do flanco de uma réplica adulta dos pequenos demónios que tinha estado a observar.

Mas como me pareciam ridículos e inofensivos ao lado desta enorme e terrível encarnação de ódio, vingança e morte. O homem em si, pois assim me posso referir a ele, tinha à vontade uns quatro metros e meio de altura e, na Terra, não teria pesado menos de duzentos quilos. Montava como nós montamos um cavalo, apertando o tronco do animal com os membros inferiores, ao passo que as mãos dos seus dois braços direitos seguravam a portentosa lança à altura do flanco da sua montada; os dois braços esquer-

dos estavam estendidos para o lado, ajudando-o a manter o equilíbrio, já que a coisa que ele montava não tinha nada que se assemelhasse a brida ou rédeas que permitissem conduzi-la.

E que dizer da montada! Como podem as palavras terrestres descrevê-la? Chegava aos três metros até à espádua; tinha quatro patas de cada lado, uma cauda larga e achatada, mais larga na ponta do que na raiz, a qual mantinha esticada para trás ao correr, e uma boca escancarada, que lhe abria a cabeça desde o focinho ao pescoço comprido e maciço.

Tal como o seu amo, era completamente desprovida de pelo, mas era de uma cor escura de ardósia, incrivelmente suave e brilhante. Tinha a barriga branca, e as patas passavam da ardósia das espáduas e quadris ao amarelo-vivo das extremidades. Estas mostravam-se fortemente acolchoadas e desferradas, facto que contribuía para a sua aproximação silenciosa e que, a par de uma multiplicidade de patas, eram uma característica comum da fauna marciana. Só o tipo mais elevado de homem, e um outro animal, o único mamífero de Marte, possuem quatro unhas perfeitamente formadas, inexistindo qualquer animal com cascos.

Atrás do primeiro demónio, seguiam dezanove outros, em todos os aspetos semelhantes ao primeiro mas, como descobri mais tarde, exibindo características individuais, peculiares de cada um deles; tal como nenhum de nós é exatamente igual, embora provenhamos do mesmo molde. Tal imagem, ou, melhor dizendo, aquele pesadelo materializado, que descrevi em pormenor, causou-me uma única, breve e terrível impressão quando me voltei para o enfrentar.

Desarmado e despido como estava, a primeira lei da natureza manifestou-se como única solução possível para o meu problema imediato, e isso significava afastar-me da vizinhança da ponta daquela lança que investia sobre mim. Consequentemente, dei um salto ao mesmo tempo muito terrestre e completamente sobre-humano para chegar ao telhado da incubadora marciana, pois assim determinara que devia ser.

O meu esforço foi coroado de um tal sucesso que me deixou tão assombrado quanto surpresos pareceram ficar os guerreiros marcianos, pois vi-me lançado uns bons dez metros no ar, indo pousar a trinta metros de distância dos meus perseguidores, e no lado oposto do cercado.

Aterrei sobre o musgo com toda a suavidade e sem qualquer contratempo e, voltando-me, vi os meus inimigos alinhados ao longo da parede mais afastada. Alguns deles miravam-me com expressões que vim mais tarde a saber representavam o mais profundo assombro, ao passo que estavam claramente a assegurar-se de que eu não perturbara as suas crias.

Conversavam entre eles em tons murmurantes, gesticulando e apontando para mim. A sua descoberta de que não fizera qualquer mal aos

pequenos marcianos e de que estava desarmado deve ter permitido que me encarassem com um pouco menos de ferocidade; mas, tal como viria a aprender mais tarde, o que mais pesou a meu favor foi a minha exibição no salto a obstáculos.

Embora sejam gigantescos, os ossos dos Marcianos são muito grandes e a sua musculatura é meramente proporcional à gravidade com que têm de lidar. Em resultado disso, são incomparavelmente menos ágeis e menos poderosos, em proporção ao seu próprio peso, do que um homem da Terra, e duvido que caso um deles fosse subitamente transportado para o nosso planeta, conseguisse levantar o seu próprio peso do chão; na verdade, estou convicto de que não o conseguiria fazer.

Por conseguinte, o meu feito foi tão espantoso em Marte como teria sido na Terra, e do desejo de me aniquilarem, passaram a encarar-me como uma fabulosa descoberta a ser capturada e exibida perante os seus.

A folga que a minha inesperada agilidade me proporcionara permitiu-me formular alguns planos para o futuro imediato e estudar mais atentamente o aspeto dos guerreiros, pois na minha mente, não conseguia desassociar aqueles guerreiros daqueles outros que, ainda no dia anterior, me haviam perseguido.

Apercebi-me de que cada um deles estava equipado com várias outras armas para além da enorme lança que já descrevi. Mas a arma que me fez decidir contra uma tentativa de fuga aérea foi aquela que era certamente um qualquer tipo de carabina e em cuja utilização, fosse por que motivo fosse, me pareceram exímios.

Estas carabinas eram de um metal branco, com coronhas de madeira que mais tarde soube tratar-se de uma madeira muito leve e resistente, muito valorizada em Marte e completamente desconhecida dos habitantes da Terra. O metal do cano era de uma liga composta principalmente de alumínio e aço, o qual aprenderam a temperar até ter uma resistência muito superior à do aço com que estamos habituados a lidar. O peso destas carabinas é comparativamente menor, e com os projéteis de rádio, explosivos e de baixo calibre, que utilizam, e o grande comprimento do cano, são terrivelmente eficazes e fatais, possuindo um alcance que seria impensável na Terra. Em teoria, o seu raio de eficácia é de quase quinhentos quilómetros, mas o melhor que conseguem obter com os seus visores sem fios e miras é de pouco mais de trezentos.

O que é uma distância suficiente para me fazer sentir um grande respeito pela arma de fogo marciana, e uma qualquer força telepática deve ter-me avisado que não tentasse uma fuga em plena luz do dia debaixo da mira de vinte daquelas armas mortíferas.

Os marcianos, após alguns momentos de conversa, voltaram costas e

afastaram-se na mesma direção de onde tinham vindo, deixando apenas um deles perto do cercado. Detiveram-se após cobrirem uns cem metros e, depois de voltarem as suas montadas na nossa direção, deixaram-se ficar a observar o guerreiro que ficara para trás.

Este era aquele cuja lança quase me trespassara, e era claramente o líder do grupo, já que reparei que os outros se afastaram por sua ordem para as suas correntes posições. Quando os seus guerreiros se detiveram, desmontou, atirou ao chão a lança e as armas mais pequenas, e contornou a incubadora avançando na minha direção, completamente desarmado e tão nu quanto eu, não fora pelos ornamentos na cabeça, membros e peito.

Quando estava a uns quinze metros de distância, desapertou uma enorme bracelete metálica, e estendendo-ma na palma da mão, dirigiu-se-me numa voz clara e ressonante, mas numa língua que, escusado será dizer, eu não conseguia compreender. Deteve-se, então, como que aguardando a minha resposta, de orelhas espetadas como antenas e apontando os seus estranhos olhos ainda mais na minha direção.

Quando o silêncio se começou a tornar doloroso, concluí que era melhor tentar um pouco de conversa da minha parte, já que ele parecia estar a tentar comunicar intenções pacíficas. O depor das suas armas e o recuo das suas tropas antes de se dirigir a mim teriam um significado pacífico em qualquer lugar da Terra, e, portanto, porque não em Marte?

Colocando uma mão sobre o coração, fiz uma grande vénia ao marciano e expliquei-lhe que, embora não percebesse a sua língua, os seus atos falavam de paz e amizade, o que naquele momento, era o que de mais perto me falava ao coração. É claro que bem podia ser um regato murmurante, tal era o sentido que as minhas palavras tinham para ele, mas entendeu o gesto com que acompanhei de perto as palavras.

Estendendo a mão na direção dele, dei um passo adiante e peguei na bracelete que me estendia, fechando-a em torno do meu braço, acima do cotovelo; sorri-lhe e aguardei. A sua grande boca alargou-se em idêntico sorriso, e envolvendo o meu braço com um dos seus membros intermédios, levou-me até junto da sua montada. Ao mesmo tempo, fez sinal aos seus seguidores para que avançassem. Lançaram-se a galope na nossa direção, mas foram controlados por um gesto seu. Temia claramente que, caso me voltasse a assustar, pudesse saltar definitivamente para longe da sua vista.

Trocou algumas palavras com os seus homens, indicou-me que montaria com um deles, e por fim montou o seu próprio animal. O indivíduo designado estendeu-me duas ou três mãos e içou-me para o dorso reluzente do animal, onde fiquei às suas costas, agarrando-me o melhor

que podia ao cinto e às correias que seguravam os ornamentos e as armas do marciano.

Todo o grupo se voltou para a cadeia de colinas visível no horizonte, e partiu a galope.





## CAPÍTULO 4

### PRISIONEIRO

Tínhamos percorrido uns quinze quilómetros quando o solo começou a inclinar-se rapidamente. Estávamos, tal como aprenderia mais tarde, a aproximar-nos da orla de um dos mares de Marte há muito mortos, no fundo do qual se dera o meu encontro com os Marcianos.

Em pouco tempo chegámos ao sopé das montanhas, e após atravessarmos um estreito desfiladeiro, chegámos a um vale espaçoso, em cujo extremo mais distante ficava um planalto sobre o qual me foi dado ver uma enorme cidade. Foi em direção a ele que galopámos, aí chegando através do que parecia ser uma estrada em ruínas que partia da cidade, mas que se estendia apenas até à borda da meseta, onde terminava subitamente num lanço de amplos degraus.

Observando mais de perto ao passarmos por eles, pude ver que os edifícios estavam abandonados, e embora não se mostrassem muito degradados, tinham o aspeto de não serem habitados há muitos anos, talvez mesmo há muitas eras. Perto do centro da cidade ficava uma ampla praça, e nela, bem como nos edifícios adjacentes, estavam acampadas umas nove ou dez centenas de criaturas da mesma raça dos meus captores, pois era assim que agora os entendia, não obstante a forma pacífica com que me tinham apanhado.

Com exceção dos seus ornamentos, todos estavam nus. As mulheres variavam muito na aparência, mas pouco diferiam dos homens, exceto as suas presas serem muito maiores em relação à sua altura, chegando mesmo nalguns casos a curvar até às orelhas no cimo da cabeça. Tinham o corpo

mais pequeno e de cor mais clara, e os dedos das mãos e dos pés ostentavam umas unhas rudimentares, que eram de todo inexistentes nos machos. As fêmeas adultas tinham uma altura que variava entre os três metros e os três metros e meio.

As crianças tinham uma cor clara, ainda mais clara que a das mulheres, e pareciam-me todas iguais, com a diferença de que umas eram mais altas do que outras; e mais velhas, presumi.

Não vi sinais de idade muito avançada entre eles, nem diferença significativa entre a maturidade, por volta dos quarenta, até quando, perto dos mil anos de idade, partem voluntariamente na sua derradeira peregrinação rio Iss abaixo, que leva até onde nenhum marciano sabe, e de cujo coração nenhum marciano jamais regressou, nem tão-pouco lhe seria permitido viver caso regressasse após ter embarcado nas suas águas negras e frias.

Só um em cada mil marcianos chega alguma vez a morrer de doença, e cerca de vinte partem na peregrinação voluntária. Os outros novecentos e setenta e nove morrem violentamente em duelos, em caçadas, em voos e na guerra; mas de longe, a maior causa de morte pode bem ser a que surge na idade da infância, quando vastos números de pequenos marcianos se tornam vítimas dos grandes macacos brancos de Marte.

A esperança média de vida de um marciano que chega à idade madura é de cerca de trezentos anos, mas chegaria ao máximo de mil anos, não fossem as inúmeras formas de morte violenta. Dado os cada vez menores recursos do planeta, tornou-se obviamente necessário contrapor a crescente longevidade que resultou da admirável qualidade das suas técnicas terapêuticas e cirúrgicas, pelo que a vida humana passou a ter pouco valor em Marte, tal como fica patente nos seus desportos violentos e o estado de guerra praticamente contínuo entre as várias comunidades.

Há outras causas, até mesmo naturais, que levam a uma diminuição da população, mas nenhuma contribui tanto para esse fim quanto o facto de nenhum marciano, macho ou fêmea, andar voluntariamente sem uma arma de destruição.

Ao aproximarmo-nos da praça, e sendo descoberta a minha presença, fomos imediatamente rodeados por centenas daquelas criaturas que pareciam ansiosas por me arrancar da minha posição por detrás do meu guarda. Uma palavra do líder do grupo calou o burburinho, e avançámos num trote ligeiro através da praça rumo à entrada de um edifício tão grandioso quanto alguma vez foi dado a contemplar a qualquer mortal.

O edifício era baixo, mas cobria uma área enorme. Estava construído em mármore branco e reluzente, embutido com ouro e pedras preciosas, que cintilavam e faiscavam sob o Sol. A entrada principal tinha uns bons trinta metros de largura e projetava-se do edifício propriamente dito para

formar uma enorme cobertura sobre o hall de entrada. Não havia qualquer escadaria, mas uma ligeira rampa inclinada erguia-se até ao rés-do-chão, onde deitava para uma enorme câmara rodeada de galerias.

No chão desta câmara, que estava pontilhada por cadeiras e secretárias de madeira esculpida, estavam reunidos cerca de quarenta ou cinquenta machos marcianos em redor dos degraus de uma tribuna. Na plataforma em si estava agachado um enorme guerreiro coberto por uma abundância de ornamentos metálicos, penas de cores alegres e correias de couro finamente trabalhadas e enfeitadas com pedras preciosas. Dos ombros pendia-lhe uma capa curta de pele branca forrada com seda de um vermelho brilhante.

O que mais achei digno de admiração naquele grupo, e no salão em que estava reunido, era o facto de as criaturas serem completamente desproporcionais ao tamanho das secretárias, cadeiras e outras mobílias; estas eram de tamanho adequado a seres humanos como eu, ao passo que os corpanzís dos Marcianos mal se conseguiam conter nas cadeiras, nem as secretárias tinham espaço para acomodar as suas longas pernas. Era, por isso, óbvio que deviam existir outros habitantes em Marte para além daquelas criaturas selvagens e grotescas em cujas mãos caíra, mas os indícios de grande antiguidade que abundavam à minha volta pareciam indicar que aqueles edifícios tinham pertencido a uma qualquer raça esquecida e já extinta, no longínquo passado de Marte.

O nosso grupo detivera-se à entrada do edifício e a um sinal do líder, tinham-me posto no chão. Este, voltando a enlaçar-me o braço, levou-me à sala de audiências. Havia poucas formalidades para quem se pretendia dirigir ao governante marciano. O meu captor limitou-se a aproximar-se da tribuna, todos os outros afastando-se para o deixar passar. O governante levantou-se e proferiu o nome do meu acompanhante que, por sua vez, se deteve e proferiu o nome do governante, seguido pelo título.

Naquela altura, este cerimonial e as palavras proferidas não tinham para mim qualquer significado, mas mais tarde vim a saber que aquela era a saudação habitual entre Marcianos verdes. Fossem os homens desconhecidos um do outro, e por isso incapazes de trocar nomes, teriam procedido a uma troca silenciosa de ornamentos, caso a sua missão fosse pacífica – caso contrário, teriam trocado tiros, ou combatido com qualquer uma das suas inúmeras armas, à laia de apresentação.

O meu captor, que se chamava Tars Tarkas, era praticamente o vice-líder da comunidade, e um homem de grande habilidade, quer como estadista quer como guerreiro. Explicou óbvia e resumidamente os incidentes relacionados com a sua expedição, incluindo a minha captura e, logo que terminou, o líder principal dirigiu-se-me com um longo discurso.

Respondi-lhe no nosso bom e velho inglês, ainda que apenas com o objetivo de lhe demonstrar que nenhum de nós conseguiria compreender o outro; mas apercebi-me que quando sorri ligeiramente ao terminar, ele fez o mesmo. Esse facto, e o outro semelhante durante o meu primeiro encontro com Tars Tarkas, deixaram-me convencido de que teríamos pelo menos algo em comum; a capacidade de sorrir e, conseqüentemente, de rir, o que denotava sentido de humor. Mas havia de descobrir que o sorriso marciano é meramente superficial, e que o riso marciano é coisa para fazer com que um homem feito fique branco de horror.

A ideia de humor entre os homens verdes de Marte difere muito da nossa concepção dele como um catalisador de alegria. Os estertores agonizantes de um companheiro moribundo são, para estas estranhas criaturas, causa da mais desbragada hilaridade, ao passo que a sua principal forma de diversão é causar a morte dos seus prisioneiros de guerra através das formas mais tortuosas e horríveis que se possam imaginar.

Os guerreiros e líderes ali reunidos examinaram-me atentamente, apertando-me os músculos e explorando a textura da minha pele. O líder principal indicou então claramente que me queria ver em ação e, fazendo-me sinal para que o seguisse, avançou com Tars Tarkas para a praça.

Ora, eu não tinha voltado a tentar andar desde o primeiro fiasco, exceto quando agarrado ao braço de Tars Tarkas, por isso avançava agora aos trambolhões e cabriolas por entre as cadeiras e secretárias como um gafanhoto monstruoso. Após ter adquirido uma séria quantidade de nódoas negras, para grande divertimento dos marcianos, voltei novamente a gatinhar, mas isso não os divertia e fui brutalmente puxado por um indivíduo gigantesco que se tinha rido a bom rir do meu infortúnio.

Quando me pousou com força no chão, o seu rosto ficou próximo do meu e fiz a única coisa que um cavalheiro pode fazer sob circunstâncias de brutalidade, grosseria e falta de consideração pelos direitos de um estranho: desferi-lhe um forte soco no queixo, tombando-o como um boi abatido. Logo que ele tombou, voltei-me de costas para a secretária mais próxima, esperando ser imediatamente sobrepujado pela vingança dos seus companheiros, mas determinado a fazer-lhes frente tanto quanto possível perante o desequilíbrio de forças, vendendo cara a minha pele.

Os meus receios, porém, revelaram-se infundados, já que os outros marcianos, que primeiro ficaram paralisados com o choque, não tardaram a explodir numa vaga de aplausos e gargalhadas. Não reconheci os aplausos como tal, mas mais tarde, já familiarizado com os seus costumes, descobri que tinha conquistado o que eles raramente concediam: uma manifestação de agrado.

O indivíduo que eu tinha atingido continuava caído, e nenhum dos seus companheiros se aproximou dele. Tars Tarkas avançou na minha direção, estendendo-me um dos seus braços, e assim chegámos à praça sem mais incidentes. Eu, obviamente, não sabia por que motivo me tinham levado para a praça descoberta, mas não tardei a ser esclarecido. Primeiro repetiram a palavra “sak” uma série de vezes, e Tars Tarkas executou vários saltos, repetindo a mesma palavra antes de cada um deles; depois, voltando-se para mim, ordenou: “Sak!” Compreendi o que pretendiam, e reunindo as minhas forças, “sakei” com tanto sucesso que cobri uns bons quarenta e cinco metros; e, desta vez, nem sequer perdi o equilíbrio, aterrando de pé e sem cair. Regressei de seguida até junto do pequeno grupo de guerreiros, dando pequenos pulos de seis a nove metros de cada vez.

A minha demonstração tinha sido testemunhada por várias centenas de marcianos de posição inferior, que imediatamente exigiram uma repetição, que o líder logo me ordenou que efetuasse; mas eu tinha fome e sede, e decidi naquele momento que a minha única hipótese de salvação era exigir consideração destas criaturas que, voluntariamente, nunca me dariam. Ignorei assim as várias ordens de “sak”, e de cada vez que o faziam, apontava para a minha boca e esfregava o estômago.

Tars Tarkas e o líder trocaram algumas palavras e o primeiro, chamando uma jovem fêmea no meio da multidão, deu-lhe algumas instruções e fez-me sinal para que a acompanhasse. Agarrei o braço que ela me estendia e, juntos, atravessámos a praça em direção a um edifício no lado oposto.

A minha companheira tinha cerca de dois metros e quarenta de altura, tendo recentemente atingido a maturidade, mas não ainda o máximo de altura. Era de um tom claro de verde-azeitona, com uma pele suave e lustrosa. Chamava-se, como mais tarde vim a saber, Sola, e pertencia ao séquito de Tars Tarkas. Levou-me até uma câmara espaçosa num dos edifícios fronteiros à praça e que, pela abundância de peles e sedas espalhadas pelo chão, concluí ser o alojamento de vários nativos.

O compartimento estava bem iluminado graças a um grande número de amplas janelas e estava decorado com murais e mosaicos delicados, mas sobre todos eles pairava aquele indefinível toque do dedo da antiguidade que me deixou uma vez mais convencido de que os arquitetos e construtores daquelas magníficas criações nada tinham em comum com os toscos semisselvagens que agora se serviam delas.

Sola fez sinal para que me sentasse numa pilha de sedas perto do centro da sala e, voltando-me costas, soltou um curto som sibilante, como se fazendo sinal a alguém no compartimento contíguo. Em resposta ao seu chamamento, obtive um primeiro olhar sobre uma nova maravilha marciana. Entrou na sala bamboleando-se sobre dez curtas patas, e aninhou-se



diante da rapariga como se fosse um cachorrinho obediente. A coisa era praticamente do tamanho de um pônei das Shetland, mas a sua cabeça ostentava uma ligeira semelhança com a de um sapo, com a diferença de que as mandíbulas estavam equipadas com três fiadas de dentes compridos e afiados.

## CAPÍTULO 5

### ESCAPO AO MEU CÃO DE GUARDA

Sola fitou a besta diretamente nos olhos, murmurou uma ou duas ordens, apontou para mim e saiu da sala. Não podia deixar de pensar no que aquela monstrosidade de ar tão feroz poderia fazer, quando a sós com um pedaço de carne tão tenrinha quanto eu; mas os meus receios revelaram-se infundados, já que a criatura, após me mirar atentamente por um instante, atravessou o compartimento postando-se diante da única saída que levava à rua, deitando-se a todo o comprimento da soleira.

Aquele era o meu primeiro contacto com um cão de guarda marciano, mas estava escrito que não seria o último, pois este monstrengo vigiou-me atentamente durante o período em que fui prisioneiro destes homens verdes; por duas vezes salvou-me a vida, e nunca se afastou voluntariamente de mim por um único instante.

Durante a ausência de Sola, aproveitei para examinar mais atentamente o compartimento em que me via aprisionado. As paredes murais representavam cenas de uma beleza rara e maravilhosa; montanhas, rios, lagos, oceanos, prados, árvores e flores, estradas sinuosas, jardins beijados pelo sol – cenas que bem podiam representar paisagens terrestres, não fossem as diferentes colorações da vegetação. O trabalho era evidentemente produto da mão de um mestre, tão subtil era o ambiente, tão perfeita a técnica; e no entanto, em lado algum se via representado um animal, humano ou não, pelo qual pudesse aquilatar o aspeto destes outros, e quiçá extintos, habitantes de Marte.

Enquanto permitia que a minha imaginação se entregasse livremente a conjeturas quanto à possível explicação das estranhas anomalias com que me tinha defrontado até então em Marte, Sola regressou trazendo não só comida, mas também bebida. Pousou ambas no chão ao pé de mim, e sentando-se a uma certa distância, fitou-me intensamente. A comida consistia em cerca de meio quilo de uma substância sólida com a consistência do queijo e praticamente sem sabor, embora ligeiramente ácida, e em pouco tempo aprendi a dar-lhe muito valor. Provinha, como descobri mais tarde, não de um animal, pois não existe mais de um mamífero em Marte, e mesmo esse é muito raro, mas de uma enorme planta que cresce praticamente sem precisar de água, mas que parece destilar uma quantidade apreciável de leite a partir do solo, da humidade do ar, e dos raios do Sol. Uma única planta dessa espécie dá cerca de oito ou nove litros de leite por dia.

Após ter comido, senti-me bastante revigorado, mas sentindo a necessidade de descanso, estendi-me sobre as sedas e não tardei a adormecer. Devo ter dormido várias horas, pois já estava escuro quando acordei, e sentia bastante frio. Apercebi-me de que alguém me cobrira com uma pele, mas esta escorregara parcialmente e, no escuro, não conseguia ver para a endireitar. Subitamente, surgiu uma mão que estendeu a pele sobre mim, acrescentando outra pele pouco depois.

Assumi que era Sola, a minha atenciosa guardiã, e nisso não me enganei. Só essa rapariga, dentre todos os marcianos verdes com quem contactei, exibiu características de simpatia, bondade, e afeto; nunca regateou atenção às minhas necessidades físicas, e a sua solicitude furtou-me a muito desconforto e dificuldades.

Tal como viria a descobrir, as noites marcianas são extremamente frias, e como praticamente não existe amanhecer ou entardecer, as mudanças de temperatura são súbitas e desconfortáveis, tal como são as transições da luz do Sol para a mais profunda escuridão. As noites, ora são brilhantes e claras ou muito escuras, pois se nenhuma das duas luas estiver visível no céu, o resultado é uma escuridão quase total, já que a falta de uma atmosfera, ou, melhor dizendo, a finíssima atmosfera, não consegue difundir grandemente a luz das estrelas; por outro lado, se ambas as luas estiverem visíveis durante a noite, a superfície do solo é fulgurantemente iluminada.

Qualquer das luas de Marte está mais próxima do planeta do que a nossa Lua da Terra; a lua mais próxima está a uma distância de nove mil quilómetros, e a mais distante a cerca de vinte e seis mil, em comparação com os cerca de quatrocentos mil quilómetros que nos separa da nossa Lua. A lua mais próxima de Marte completa uma rotação em torno do planeta em pouco mais de sete horas e meia, de forma que pode ser vista a atravessar

os céus como um enorme meteoro, duas ou três vezes por noite, exibindo todas as fases em cada trânsito dos céus.

A lua mais distante gira em redor de Marte em cerca de trinta horas e um quarto, e juntamente com a sua irmã, compõem um quadro noturno de uma grandiosidade estranha e esplendorosa. E ainda bem que a natureza foi tão generosa ao ponto de dotar a noite marciana de uma luminosidade tão abundante, pois sendo os homens verdes de Marte uma raça nómada e pouco dotada intelectualmente, não dispõem de grandes meios de iluminação artificial, dependendo essencialmente de archotes, uma espécie de vela, e uma candeia muito peculiar que gera um gás e que arde sem precisar de torcida.

Este último aparelho produz uma luz branca, muito intensa e de grande alcance, mas como o óleo natural que utiliza apenas pode ser obtido em minas situadas em pontos muito separados e remotos, raramente é utilizado por aquelas criaturas, incapazes de pensar além do imediato, e cuja aversão ao trabalho manual os mantém num estado semibárbaro há incontáveis gerações.

Após Sola ter recomposto as peles que me cobriam, voltei a adormecer, e não acordei novamente senão de manhã. As outras ocupantes da sala, que eram cinco ao todo, eram todas fêmeas, e ainda estavam a dormir, sob uma pilha de peles e sedas. Para lá da soleira estava estendido o cão de guarda, tão desperto como o vira no dia anterior; parecia não ter mexido um músculo; mantinha os olhos praticamente cravados em mim, e interroguei-me sobre o que me poderia acontecer se por acaso tentasse fugir.

Sempre fui dado à aventura, à experiência e à investigação, onde homens mais sensatos do que eu saberiam manter-se quietos. Ocorreu-me, portanto, que a melhor forma de descobrir como reagiria aquela besta para comigo seria tentar sair da sala. Sentia-me relativamente confiante de que lhe conseguiria escapar facilmente caso me tentasse perseguir quando estivesse no exterior do edifício, pois começara a sentir grande orgulho nas minhas capacidades de salto. Ademais, podia deduzir pelas suas pernas curtas que a besta não seria muito boa a saltar, ou sequer a correr.

Levantei-me, lenta e cautelosamente. O meu guarda fez o mesmo; avancei cuidadosamente para ele, descobrindo que se arrastasse ligeiramente os pés, conseguia manter o equilíbrio e avançar relativamente depressa. Ao aproximar-me da criatura, esta recuou, afastando-se cautelosamente de mim e, quando cheguei à abertura, afastou-se para o lado de forma a deixar-me passar. Começou então a seguir-me, sempre a uns dez passos de distância, à medida que avançava pela rua deserta.

A sua missão, pensei, era obviamente, e apenas, a de me proteger, mas quando chegámos ao limiar da cidade, saltou num ápice para a minha fren-

te, produzindo uns sons estranhos e mostrando os dentes horríveis e ameaçadores. Pensando divertir-me um pouco à sua custa, corri na sua direção, e quando estava quase sobre ele, lancei-me ao ar, indo pousar muito à sua frente, e fora da cidade. A criatura rodou sobre si própria e lançou-se a mim com a velocidade mais espantosa que alguma vez vira. Pensei que as suas curtas pernas fossem um entrave à velocidade, mas estivesse ele a competir com galgos, e pareceria que estes tinham ficado a dormir no tapete da entrada. Tal como viria a descobrir, aquele era o animal mais rápido de Marte e, graças à sua inteligência, lealdade e ferocidade, era utilizado para caçar e na guerra, para além de protetor do homem marciano.

Apercebi-me rapidamente de que numa corrida a direito teria dificuldade em furtar-me às presas da criatura, por isso voltei-me para ele e, quando estava quase sobre mim, voltei a saltar por cima dele. Essa manobra deu-me uma vantagem considerável, e consegui chegar à cidade bastante adiantado em relação a ele. Quando finalmente veio atrás de mim, saltei para uma janela a uns dez metros do chão, na fachada de um edifício com vista para o vale.

Agarrando-me ao peitoril, elevei-me até ficar sentado, sem nunca me voltar para o prédio, e olhei para o confuso animal que ficara lá em baixo. A minha exultação, porém, foi de curta duração, pois ainda mal tinha acabado de me sentar no peitoril, quando uma mão enorme me agarrou o pescoço por detrás e me arrastou violentamente para o interior do compartimento. E ali estava eu, caído de costas, olhando para a enorme criatura que se agigantava sobre mim, semelhante a um colossal macaco, branco e glabro, com exceção de um tufo de pelo hirsuto sobre a cabeça.